1.º ANNO

NUMERO SPECIMEN

Contemporanea

A IDADE DA SEDA

Composição inedita de Almada Negreiros

Contemporanea

HISTORIA DOS QUINZE-DIAS

SUCCESSOS & SUGGESTÕES — CHRONICAS & ECHOS

1.º Anno — Numero Specimen

PREÇOS

Assignatura trimestral 900 réis
Numero Avulso.. .. .. 200 »

Endereço:
PATEO DO PIMENTA, 50-52 — LISBOA

SUMMARIO

Na Imprensa

SURGE a *Contemporanea.*

Ainda que incompleta e imperfeita é a incarnação de uma aspiração de Arte e de Elegancia que deve merecer-lhes simpathia. Engenhada e realisada por um punhado de artistas moços, atravez todas as difficuldades e todos os obstaculos de um ambiente avesso, ella vem, por certo, ao encontro de uma necessidade commum — mais: de uma exigencia social. Endereça-se a todas as curiosidades cultas, cujas sêde advinha e com cujo agrado conta. Confia portanto no futuro.

Não é um capricho de imaginação; é a satisfação irrecusavel das exigencias mentaes de um meio e de uma epocha. Tentando apagar uma falta imperdoavel, pagamos com ella uma divida ha muito tempo em aberto na conta-corrente da Imprensa com o Publico.

Vivemos de emprestimo, com a arca abarrotada de riquezas. *Contemporanea* apenas pretende provar isso. E provando-o, dar-se ha por satisfeita.

O melhor elogio de si mesma, consistirá, por tanto, na honesta consciencia de se realizar com o maximo de perfeição que os recursos do meio lhe permittam.

Se não valer, desde já, pelo que de Belleza e de Sensibilidade trouxer realizado e desperto adentro das suas paginas difficultosamente amanhadas com requintes de sabôr, num momento em que, com as de mercearia, as especiarias do talento nacional andam por alto preço innaccessivel, — que a salve no conceito publico a promessa e a esperança de se melhorar e aperfeiçoar progressivamente e continuamente.

Essa promessa e essa esperança, ficam aqui bem patentes e bem juradas á fé do nosso sonho de artistas e do nosso esforço em incarna-lo em realidades vivas e sociaes, dentro da velha formula do util-agradavel.

Caminhemos em frente, portanto; sem que nos illudamos sobre os perigos da jornada e as encruzilhadas do caminho, mas sem que a lucida certeza d'isso nos empeça ou intimide.

Serão por nós e comnosco todos aquelles espiritos para quem a fazemos e a quem a entregamos?

O futuro responderá.

Na Litteratura

NESTA hora tragica que não passa, e em que a vida inteira se immobilisa com o tempo, á nossa roda, nada é para extranhar o silencio em que uma grande parte dos nossos homens de letras tombou.

Quasi vasio de obras novas o nosso mercado litterario.

Por falta de producção, sómente? Não. Tambem, e em grande parte, porque os livreiros paralysaram todo o seu movimento editorial.

Entretanto, e para contento do nosso espirito, regista-se nas ultimas semanas, o apparecimento de tres livros notaveis.

Anthero de Figueiredo, o elegante joalheiro da prosa portugueza, refez em segunda edição da casa Aillaud, as paginas do *Doida d'Amor,* que, aquando do seu apparecimento em primeira edição, tão justificado exito obteve. Drama vivido de uma alma de mulher, que um sopro de paixão dolorosa sacode e leva á loucura, lê-lo e relê-lo de novo é reavivar a profunda, pungente emoção de bellesa que extravasa das suas paginas, e tão alto ergueu o nome querido do seu auctor.

Tambem a mesma casa editora nos deu, em cuidada edição, o romance «*Coração de Mulher*», devido á pena de Sousa Costa, — um dos mais ricos temperamentos litterarios do nosso tempo. Intenso, palpitante de actualidade, escripto numa prosa cuja plenitude é um predicado do illustre romancista, *o Coração de Mulher* vem acrescentar o renome d'este e enriquecer as nossas letras.

Por fim, o *Valor da Raça*, livro explendido em que Antonio Sardinha desdobra em erudito, historiador e critico o seu intenso temperamento de Poeta. Amplo estudo da Raça portugueza, escripto com sabedoria e num estylo rasgado e quente, merece referencia mais larga e ponderada. Apenas o registo, nesta nota breve que somente serve para demonstrar, que, não obstante o pesadelo da guerra, os nossos escriptores trabalham.

Estas tres obras bastariam, pelo seu valor a enriquecer o mercado das letras numa epocha normal.

Nos Theatros

A quinzena teatral que, summariamente, se resume, principiou em **S. Carlos**, por uma authentica noite de successo: o da representação da peça *O Diabo*, que Zacconi, o formidavel, já havia creado entre nós e que, agora, as extraordinarias faculdades de actor moderno, correcto e sobrio, que concorrem na pessoa de Ferreira da Silva, original e excelentemente interpretraram. Actor multiplice, cujo desdobramento vae desde a farça portugueza, com o personagem do *Morgado de Fafe*, ao complexo trabalho mental da tragedia moderna, com a creação de *O Pae*, Ferreira da Silva realisou agora a incarnação de uma psychologia sob todos os pontos de vista rara, na representação de *O Diabo* — figura de um subtil e difficil poder critico, e uma, entre poucas, que ficam marcando com grandeza o theatro universal do nosso tempo.

Do **Theatro Nacional** — cuja epocha corrente desmente, a valer, em successivas victorias, a *guine* economica e de concorrencia de ha bastantes annos — regista a chronica, com jubilo, a consagração tributada a Augusto de Castro, com a *reprise* da sua interessantissima peça *Amor á Antiga*, na qual Virginia — o rouxinol do antigo e glorioso *D. Maria* — ultimamente creára um papel de nobre dama portugueza, rigoroso de desenho e de vigor interpretativo. A peça de Augusto de Castro, subindo até ás cumeadas de uma recita de homenagem, subiu em verdade até onde podia, visto que o *Amor á Antiga* não se limita a ser uma comedia de costumes, passada, com mais ou menos graça, num meio familiar á vida de determinada classe de gente da sociedade portugueza, mas marca tambem, no seu admiravel conjuncto de figuras, alguns typos que nuca mais poderão esquecer — atendendo-se a que ninguem, theatralmente, os modelaria melhor.

Em sociedade artistica, a companhia do **Gymnasio Dramatico** continua vida alegre, montando agora, como excentricidade aperitiva, o *Circo de Inverno*... em plena primavera. O velho *Gymnasio*, onde parece que se fantasmagoriam, divinas, de cada canto, as grandes mascaras dos mais altos interpretes da farça, entre nós — Taborda, Jesuina e Vale — desempoeirou-se, ao gosto deste tempo de ligeiros interesses de corpo e alma, que vai correndo, e substituiu a *faixa do Comissario de Policia* pelas... por exemplo... pelas condecorações que exibem quasi todos os domadores de feras. O *Circo de Inverno*, de resto, tem graça... e não ofende.

O melhor é, que, da cantiga, em que se mostrara de chinela de verniz e lenço de seda, a *Rosa Tirana* deu um pulo... e alcançou o palco do **Theatro Apolo**. E a gora?... E' ouvi-la. Revista do velho gosto de corropio (agora entras tu; a seguir entro eu), a *Rosa Tirana* é comtudo uma revista decente, um trabalho que não emporcalha a cara de quem a escreveu, tendo mesmo alguns quadros, pequenas scemnas e finaes de acto que manifestam esta originalidade de processos e uma louvavel dignidade por parte dos seus auctores.

E fecha a chronica.

Nos Sports

HIPISMO

Com uma razoave lconcorrencia, efectuou-se em Palhavã a festa hipica a favor da Cruz Vermelha Portugueza. As provas que foram bem disputadas deram os seguintes resultados «Civil — Militar» — Silva Carvalho no «Schämrok».

«Parelhas» — D. Maria do Carmo Reis e capitão Latino na «Florelte» e «Boby».

«Patrulhas» — Patrulha de lanceiro 2 comandado pelo Tenente Lino Nunes.

CICLISMO

A reabertura do Velodromo do Stadiun fez-se com varias corridas interessantes, que foram por vezes cheias de surpresas e imprevisto. As corridas «Nacional» e «Handicap» foram ganhas por Carlos Fernandes. As «motas» amadores deram logar à victoria de Raul Afonso e as profissionaes à de Souza Neves. Correu-se em bicicleta uma prova de senhoras que foi ganha por M.elle Lefèvre.

FOOT-BALL

No começo de Abril, o club de Foot-Ball «Sport Lisboa e Bemfica» efectuou o deslocamento do seu «team» de primeira categoria, que foi ao Porto e a Vigo disputar 3 «matches».

O «F. C. do Porto», seu adversario opoz ao grupo de Lisboa uma pequena resistencia, sendo vencido por 5 «goals» a 0. No dia 5 partio o «S. Lisboa» para Vigo. No primeiro desafio com o Vigo Sporting, os jogadores do Lisboa conseguiram empatar por 2 goals a 2. Mais animado e com assistencia numerosa se deu o segundo desafio entre estes dois «clubs», desafio que terminou com a victoria do «S. Lisboa» por 2 «goals» a 1. Voltaram os jogadores portuguezes com optima impressão da viagem e dos seus adversarios, que no entanto consideram inferiores aos grupos de S. Sebastian e Bilbao.

O «Sporting Club de Portugal» grupo campeão das primeiras categorias, este anno, jogou um desafio com um «team» mixto composto de elementos de varios Clubs de Foot-Ball.

O «Sporting», que modificara por 5 substituições a sua primeira linha, ganhou o desafio por 5 bolas a 0.

No dia 15 jogou o seu primeiro «match» o team do «Real Sporting de Vigo», que agora nos visita, com um «team» misto portuguez.

Venceu o «team» hespanhol por 4 «goals» marcados nas duas partes do desafio, contra 2, do grupo portuguez.

No dia 18 deve ter jogado o grupo do Sporting de Vigo com o «team» do Sporting Club de Portugal, detentor da taça das 1.a categorias, em 1915.

NO QUE SE FALA

O grande concurso Hipico Internacional annuncia se para a 2.a quinzena de Maio.

Apezar das circumstancias actuaes, espera-se que não ceda em brilho e valor aos anteriores.

Nos começos do proximo mez, deve organizar a Federação Portugueza de Box os encontros dos amadores T. Xavier com Ferreira e com B. de Oliveira.

O concurso de Sports Atlethicos Inter-Escolares, deve efectuar-se por estes tempos mais proximos.

MIGUEL DA SILVEIRA

Sete Partidas do Mundo

MOTIVO DA ABERTURA

Sete Partidàs... E o alto Infante que algum dia as foi correr é bem a alma de todos nós, — a bôa alma de agora e sempre, sorvendo até ao desvairo o ópio pérfido da cantiga do Longe. Não esmoreceu nas nossas veias a sêde mística da Aventura que nos pôs duma vez a vêr do Prestes-Joham por quantos caminhos havia na Terra. Colemos um buzio á concha do ouvido. E a estrofe embaladora da Distancia será logo ilustrada dentre nós por remembranças atávicas, por adormecidas imagens familiares, que nas arterias se animam de súbito, como em resposta a não sei que apelo vindo da raiz dos tempos. É a *Ilha-Empoada* com seus mil palacios de oiro, ocultando aquele esforçado Encoberto que ha-de aparecer entre nevoas, na manhã sagrada das profecias. O *Mar-Coalhado*, de aguas grossas e negras, como as do rio que banha o Inferno, e, como as dele, cheio de espectros silenciosos, interdizendo a travessia ao mortal que lhe ouse devassar o segredo. E' o ano e dia da volta da Nau-Catrineta, são as praias de Espanha, são as areias de Portugal.

Povôa-se a memoria de galeões ensanguentados pela insignia vermelha de Christo. Ha monstros marinhos, ha ribas ignotas. Entram-se as cidadelas industânicas no meio de crepúsculos de fumo e gloria. As armas e os barões assinalados! Passa o deserto. E' Marrocos, com Nossa Senhora de Africa guardando ás bocas do Estreito a cacheira de D. Pedro de Menezes. Lá vem a Historia Tragico-maritima! D. Leonor enterra-se por suas mãos fidalgas, para que a vista dos outros lhe não profane a nudez dolorosa. *Até ao fim do Mundo!* — despedem-se os que ficam para trás, nessas calcanharadas famintas através dos dominios do cafre.

Somem-se caravelas diante da ira do Cabo. Ha naufragios que envergonham os de Ulysses. Neptuno, resurgido em Oitava-Rima, agita as ondas do mar-salgado. Atingem-se as orlas do Japão, com passagem pelas festas de Melinde e pelos tesoiros da Taprobana. Agora já não é o mareante, — agora já não são os barões assinalados. É a conquista da Cruz. E' um santo que expira á sombra dum palmeiral, de olhos pregados no Ceu, abrindo-se para o receber.

Sete Partidas do Mundo, — climas de pasmo e de misterio! Debruça-se o *medium* para o cortejo mágico das suas visões. Já não ha rosas de Santa Maria para se colherem, ao sul do Bojador. O *alicorne* já não corre a mergulhar nas fontes empeçonhadas o chifre de virtude. Outros tempos, — outros deuses, outras gentes! Mas a demanda do Prestes Joham não acaba nunca, não acaba nunca a curiosidade enlevada do Infante! Se a alma é a mesma, a mesma é a febre que a consome e extravia. Mata-nos a mesma ansia de partir e de ficar, — com ela o desejo se nos divide e queda imoto. Colemos de novo o buzio á conchinha do ouvido. Viva-se o encanto da pobre nereide de Harlem. Sejamos como o monje das lendas escutando o passarinho. Colemos o buzio ao ouvido! Ah, a sugestão vertiginosa dos mapas, — o eco enigmatico do que estará para alem do horizonte! Curvemo-nos para dentro de nós. Sete Partidas do Mundo — estradas poeirentas do Orbe. Somos os peregrinos de todas as peregrinações. E a jornada de maravilha ainda hoje começa e já apanha a bola imensa do Globo, — já se toca de ponta a ponta num circulo simbólico, tal como o da serpente mordendo a cauda. E são os quatro ventos astraes, são os polos, as constelações, — são as cidades e os oceanos. São as pedras eternas, são as linhas imortaes, são as existencias dum minuto. É a seiva cosmopolita dos Povos, são as ruinas religiosas, é o Carvão é a Eletricidade. Episodios e atitudes, fórmas e sensações. As agulhas duma catedral recortam-se num fundo erriçado de batalha. Ha exodos de aves, pilhas de cadaveres. Colette Baudoche, a bôa rapariguinha de Metz, acena para um exército que avança. Escancaram-se hipogeus, ermos da mumia que os habitava. O Olimpo tirita todo numa sala gélida de museu. Hobbes re-suscita na crueza do seu ditado. Reza-se, sofre-se e espera se. Navegadas as ondas, querem navegar-se os ares. Mais, mais, sempre mais, mais ainda! E amargamente eu pregunto: — «Para quê? Cedo ou tarde, não restará de nós senão uma cinza deixada sobre uma carcassa fria, girando no espaço frio. «Para quê? Para quê?»

Sete Partidas do Mundo! Vamos lá nós tambem corrê-las!

ANTONIO SARDINHA.

Rapsodia escolástica

I

Batalha entre Francezes e Thalassas

Isto foi num dia de exame de instrucção primaria, em Julho de 1915, no lyceu de Pedro Nunes, de Lisboa. Era dia de prova oral e os pequenos respondiam ao argumento de chorographia e de historia perante um mappa de Portugal onde os districtos estão marcados a côres vivas e o logar de cada batalha se define por duas bandeirinhas de hastes cruzadas, que rapidamente informam o examinando sobre quaes eram os partidos em lucta.

Quando Portugal se regia ainda pelo systema monarchico, o partido nacional era representado nestes mappasinhos infantis por pequenas bandeiras azues e brancas. Hoje as novas edições cartographicas escolares trataram de pôr-se apressadamente em dia com o novo chromatismo politico; e a proposito de cada uma das batalhas da nossa historia e pavilhão portuguez apparece nos mappas com as côres decretadas ha poucos annos. A batalha de Ourique, por exemplo, ferida no seculo XII, ainda antes de organisada a nacionalidade, symboliza-se agora por uma bandeirinha onde o crescente moiro avulta e pelo joven pavilhão vermelho e verde da Republica actual...

Não se faz, porem, sem um longo periodo transitorio, este trabalho consciencioso de pôr em dia os velhos anachronismos e os velhos erros do primeiro ensino, substituindo-os por erros mais novos e por anachronismos mais caricatos. E d'ahi vem que os exames d'aquelle anno se fizeram ainda, em alguns jurys, perante mappas de edições atrazadas, que a administação escolar não pôde ou não quiz deitar ao lixo.

Então um pobre pequeno de nove annos, que na escola aprendera a nossa historia por um mappa onde as bandeirinhas nacionaes eram todas verdes e encarnadas, achou-se por occasião do exame em preseça de outro polvilhado de bandeiras azues e brancas. Para elle, que mal sabia fallar quando as novas côres vieram, as côres antigas já não representavam a Patria: eram apenas o estigma de um partido derrotado e escarnecido.

E como o examinador lhe perguntasse, repousando o ponteiro sobre o nome historico de «Bussaco :»

— Que batalha se deu n'esse logar?...

— Um combate entre Francezes e Thalassas, respondeu logo o pequeno.

Supporiam tambem as crianças dos primeiros tempos do Constitucionalismo, contemporaneas de outra modificação da bandeira, que a India fôra descoberta pelos miguelistas?

É possivel que não, visto que n'essas épocas havia menos... instrucção.

AGOSTINHO DE CAMPOS

Contemporanea

OS NOSSOS CONCURSOS

O MELHOR CONTO

100$000 réis de premio

A despeito da commum afirmativa em contrario, o difficil genero litterario que é o Conto, tem ainda entre nós os seus cultivadores de merito.

No intuito, não só de provar esta verdade, como tambem no de lançar entre os seus leitores uma especie de inquerito sobre as predilecções do seu gosto e as preferencias da sua admiração, a *Contemporanea* abre, desde o primeiro numero, um palpitante concurso, pelo qual, será premiado com

100$000 réis

aquelle dos primeiros seis contos publicados, que maior votação obtenha por parte dos seus leitores.

Condicções de concurso

1.° — Cada conto, que deve ser inteiramente original e inedito, não poderá occupar mais espaço que o de duas paginas, comprehendendo as indispensaveis illustrações, que poderão ser indicadas pelos auctores;

2.° — A eleição do mesmo conto pertence aos leitores e assignantes da *Contemporanea*. Cada um delles deverá ter a amabilidade de enviar, acompanhado das senhas de concurso relativas a cada um dos numeros em que sejam publicados os contos, a sua declaração de voto, que, sempre que o queiram, *poderá* ser *justificado*.

3.° — O prazo para a recepção dos votos termina quinze dias depois de publicado o ultimo conto, e a publicação do respectivo resultado effectuar-se-ha no numero immediato, ficando desde esse momento ao dispôr do premiado a quantia de

100$000 réis

4.° — Cabe á Direcção Litteraria da *Contemporanea* o direito de escolher entre os contos que venha a receber para este concurso os seis que, pelo seu valor, considere em condicções de publicação.

5.° — A fiscalisação, contagem e apuramento dos votos enviados á *Contemporanea* serão presididos por um jury de tres escriptores, cujos nomes se publicarão no numero em que venha inserido o ultimo conto do nosso certamen.

NOTA. — Se, alem dos publicados no concurso, a *Contemporanea* receber outros contos a que reconheça qualidades, ou abrirá novo concurso entre esses, ou os publicará mediante auctorisação e contracto com os seus auctores.

D'aquêm e d'além

EM S. CARLOS

TARDE, muito tarde, veem já estas anotações a uma pagina de arte que passou ali em S. Carlos, ha semanas.

Mas como a quinzena tenha sido parda em reflexos de beleza e dada a minha devoção por estas comunhões gerais de arte antiga, perdoarão os senhores o comentario e o louvor que essa festa dos estudantes merecidamente reclama.

Parece que o intuito inovador que guiou os organizadores do sarau, foi acabar d'oravante com os espectaculos *tunescos* que fizeram estilo na ultima trintena de anos.

E então pediram a Augusto Rosa e Afonso Lopes Vieira, dois grandes semeadores de beleza, que dirigissem o sarau, tomando nele uma boa parte e consagrando-lhe cuidados e esforços que já seria inutil encarecer.

Os rapazes, conforme as explicações que um deles veiu dar ao publico, parece que estão fartos de rir, querem tomar atitudes ponderadas, meter ombros à remodelação social — numa palavra, *levantar o nivel da Academia*, como noutros tempos em Coimbra foi aspiração de alguns generosos videiros que de si deixaram fama.

Declaro lhes a minha simpátia pela decisão dêstes moços, sobretudo quando nas suas festas se façam substituir tão vantajosamente como naquela de que lhes falo agora.

Na verdade, depois das belas palavras do Poeta sôbre Gil Vicente e a formosíssima farsa, ninguem de boa fé poderia esperar um improviso de carnaval na semana dos Ramos.

Aquela resurreição quasi grotesca, em que, de quando em quando, iam muito bem os *cães* que tumultuavam para lá dos bastidores, foi uma rigorosa caricatura da engraçada farsa que Gil Vicente, na melhor intenção, escrevera para alegrar um serão dos Paços da Ribeira.

Uma farsa em grande caricatura manda a logica que se chame tragédia e foi isso o que ali se perpetrou, à vista impassível do sr. comissario de policia.

Melhor do que eu o posso imaginar, sabem os dois ilustres artistas que dirigiram a festa, quanto trabalho e escrupulo deve exigir-se nas interpretações de teatro antigo, seja qual fôr o género a ressurgir. Por isso, a mim, como a eles decerto, esta tentativa se afigurou uma razoavel contradição das suas aspirações tão largamente reveladas e com tanta fortuna cumpridas em teatros e salões, no sentido de conceituar no gôsto publico o criador do teatro nacional.

Supor agora que o exemplo será seguido, que os estudantes, em vez de revistas com *piodas* aos mestres, irão sacudir o pó ao guarda roupa dos séculos XVI e XVII — é uma hipotese que assusta pela temeridade.

Nem os rapazes podem saber *querer* a estas joias empoeiradas, acostumados os olhos e ouvidos ás revistas de pé-fresco que por aí causam delirios a madamas e donzelas, ao mesmo tempo que aliviam congestões de figado, numa concorrencia inocentemente ruinosa para os medicos que de taes doenças vivam. De sorte que, dado mesmo que nas suas frontes alguma faixa luzisse de talento dramatico, a sua melhor boa-vontade iludida ficaria, á falta de cultura e de compreensão.

Sabe se que raros são os profissionais que conseguem alguma verdade de interpretação e que muito menos poderão ser os amadores que semelhante efeito alcansem.

A rapazes tudo se perdoa — ouvia eu dizer nos tempos em que andava com as tunas, e até porque muito me devem ter perdoado, não devo em consciencia alçar-me como algoz destes estudantes, que melhor partido teriam tomado, se fôsse escolhida outra peça em que eles e o publico encontrassem maior interesse.

E é só um equivoco que eu pretendo revelar, na melhor boa-fé.

Mas, aparte esta rapaziada com o velho jogral a que ele foi capaz de achar graça, lá na sombra do outro mundo, louvados sejam os estudantes que tiveram a fortuna de dar motivo á execução de um dos mais belos programas de arte portuguesa a que tenho assistido.

Isto equivale a dizer que talvez metade dos lugares não tiveram dono, pois nunca descobri mais seguro meio de provocar uma gréve no teatro do que anunciar um espectaculo desta natureza. Ficou-se, pois, sabendo que que o publico *ignorou* a festa e sinceramente demonstrou a sua aversão por *maçadas* semelhantes.

Mas, para consolação dos que foram, apurou-se tambem que há quem saiba falar e *dizer* em português; que há mãos maravilhosas capazes de acordar da sonolencia empoeirada de dois seculos os zumbidos de abelha e cigarra de um cravo gemedor, e finalmente o carinho de mestres de orquestra para chamarem á vida amortecidos manuscritos de velhos compositores portugueses.

Juntando a tudo isto o bom gosto de escolher canções populares, amorosamente recolhidas na provincia, compensando-nos das operações da *canção nacional* — obteremos um saldo animador para fazer justiça e dar aplauso a quem o merece.

HIPPOLYTO RAPOSO.

RUMORES DA GUERRA

○○○○○○

Lembram-se os leitores de um oficial austriaco, coronel creio eu, que ha tempo se suicidou depois de sobre o seu nome ter incidido a accusação de traidor á patria?

Redl se chamava elle. Imputavam-lhe a venda a uma grande potencia visinha (falava-se da Russia) dos planos secretos de uma importante praça de guerra.

Verdade ou falsidade, o certo é que hoje o povo austro-hungaro sente pelo coronel Redl a repulsa invencivel que sempre causa um traidor e atribue á nefanda traição a rapida queda do campo entrincheirado de Przemysl.

Rapida, se a compararmos á rendição da praça de Porto-Arthur, que resistiu pouco mais ou menos um ano ao apertado cerco das tropas de Nogi, rapida ainda se aferirmos a medida do tempo pelo estalão do patriotismo austro-hungaro. — O que é porem quasi um insulto á valentia inegavel dos seus defensores se compararmos a heroica cidade de Przemysl com as cidades fortificadas belgas, cuja defeza os jornaes dos alliados apellidaram de heroicissima.

Com effeito Liège rendeu-se após meia duzia de dias, tendo sido forçada no terceiro dia de ataque, Namur tres dias apenas e Anvers ou *Antuerpia*, portuguezmente fallando, cerca de quinze dias de cerco a valer.

A fome e á falta de munições, que não á fraqueza da sua guarnição atribuem mesmo os russos, que sitiavam, a rendição da notavel cidade da Galitzia, importante pela sua situação estrategica e conhecida pelos monumentos de grande valor artistico que encerra.

E assim se explica que tendo-se rendido sem condições, os russos concedessem aos vencidos todas as honras da guerra.

Do lado austriaco dizem que se não fôra a traição vergonhosa de Redl, a cidade seria invencivel, pois que muitas galerias subterraneas saidas de dentro da praça e desembocando em povoações longinquas permittiriam aos sitiados um facil abastecimento de viveres, munições e homens. Ora os russos conheciam esses segredos. D'ahi... o mostrarem-se tão seguros da queda da praça que nunca tentaram um assalto. Quem tomara a ofensiva era a guarnição em repetidas sortidas.

* *

Seja como fôr, efeito de uma traição ponivel, fatalidade do destino ou disposição da Providencia (os leitores escolham) o certo, indubitavel é que os russos estão hoje senhores absolutos de toda a Galitzia e dispõem de duas ou mais centenas de mil homens (tantos deviam ser os sitiantes) para lançar contra a muralha dos Carpatos. E bem precisos estavam d'elles, pois que essa cordilheira que desde o começo da guerra os telegramas de Petrogrado nos dão como ultrapassada ou *quasi*, na realidade parece cada vez mais alta e intransponivel; e está (salvas as devidas proporções!) como aquelle monte que já Velloso, o audaz personadem dos Lusiadas, dizia ser mais facil de descer que de subir!...

Com efeito junto á Rumania, os russos que tinham ocupado os pincaros da extensa cordilheira e espraiavam já os seus olhares victoriosos sobre a cubiçada planura hungara tiveram de os descer a toda a pressa perante a ofensiva austriaca. E com tanta velocidade inicial começaram a descida ingreme que não poderam deter-se no sopé da serra e salvando o valle do Pruth e abandonando Czernowitz só vieram a parar nas margens do Duiester, d'onde agora voltam a recomeçar pela terceira vez a reconquista da desolada Bukovina.

Em que se parece esta guerra com um

General Amade

Commandante das forças dos Dardanellos

relogio de parede? — Nenhum dos leitores provavelmente me decifraria a charada se eu lhe pedisse a solução. E contudo entre

Artilharia sob a protecção das arvores

estas duas coisas tão diversas ha um elemento de comparação! Qual? Mas o movimento pendular..

Na fronteira da Prussia como nos montes Carpatos, desde o principio das operações, não se teem observado senão operações de vai-vens nos dois exercitos. A Prussia já foi invadida trez vezes pelos russos e desocupada outras tantas. Os allemães já por duas vezes attingiram a linha Augustau — Ossoviecz na ancia de cortar a linha ferrea Varsovia — Petrogrado e outras tantas os russos lhe entravaram a ofensiva.

Veremos o que d'aqui sae, visto que na ofensiva allemã contra esta importante linha de communicações está o nó gordio da já eternisada batalha de Polonia.

* *

E a proposito de batalhas que se eternisam não quero deixar de falar da travada em terras de França. Sabem ha quanto tempo dura?

Pois foi a 15 de setembro, se a memoria me não falha que a ofensiva dos exercitos de Joffre estacou, como detida por uma barreira que repentinamente se levantasse.

De então até agora, contem. E preparem se os leitores para continuar a contar porque... estamos longe do principio do fim, como é agora de uso dizer-se entre os jornalistas da opposição.

Começou por ser a batalha do Aisne depois, como se fosse um elastico, a linha de contacto vae caminhando para N. E. e chamou-se então a batalha da Picardia. Quando essa linha attingiu o mar nas visinhanças de Nieuport vieram dizer-nos que era a batalha de Flandres. Agora, como não ha mais para onde extender, a imprensa de quando em quando, para destruir a monotonia da grandiosa acção atira-nos á cara com os nomes varados de: batalha de Ypres, combate do Argonne, lucta de artilharia em Reims e no Iser, combate de Martinausmesterkoff (é preciso tomar folego!) batalha de Les Hurlus, batalha de Neuve-Chapelle etc.

Pois senhores é tudo uma e a mesma batalha.

E o inegavel é que a 15 de setembro, tendo os allemães tomado posição na linha de Noyou-Etain, arredores de Metz... ainda hoje lá estão.

* *

Parece que a sorte se mostra mofina para todos os belligerantes. Em parte alguma aparece a decisão. No entanto os alliados não desistem de a atrahir e fiados em que *audaces fortuna juvat* lá foram elles á conquista de Byzancio. A fortuna até certa data favoravel voltou lhes porem um dia a cara e logo os turcos lhe metteram a pique tres ou quatro barcos.

E emquanto os navios alliados (os que restaram) se safavam daquella tumba a todo o vapor, os turcos, a quem decerto os allemães já ensinaram a Biblia, detraz das suas fortificações iam paraphraseando aquella comparação do Novo Testamento: — é mais facil enfiar um camello pelo buraco d'uma agulha que entrar um pecador no reino do céu.

E os turcos que o dizem, lá teem... os allemães a dar-lhes razão!...

Vasco de Carvalho.

Tenente de artilharia

1.º ANNO

NUMERO SPECIMEN

Contemporanea

JOÃO CORRÊA D'OLIVEIRA
Director Litterario

Editor — Eduardo Costa

PROPRIETARIA
A Empreza da "Contemporanea"

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
30, Pateo do Pimenta, 32 - Lisboa

JOSÉ PACHECO
Director Artistico

Imprensa Libanio da Silva

MEIA NOITE

Composição de Jorge Barradas.

UMA HISTORIA DE AMOR

POR

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

Vou contar-lhes hoje uma historia. Uma historia de amor. O mundo regorgita de odios, estrondeiam nelle as imprecações furiosas, ouve-se o troar da artilharia quasi que incessantemente, irmãos matam irmãos, homens sem fé assassinam, perseguem, torturam, os que ainda teem fé em alguma coisa! O scepticismo faz-se intolerante; extranho paradoxo! Não se crê em nada, e comtudo, as inquisições existem, sem a unica coisa que as tornava explicaveis, embora monstruosas! É uma hora terrivel, esta, nas suas contradicções, nas suas luctas sem objectivo, no seu lidar infatigavel, sem ideal.

A historia que lhes vou contar é bem verdadeira. Figuram nella dois dos maiores nomes da Inglaterra moderna, e comtudo quão poucos a sabem fóra do paiz em que ella floresceu como flor maravilhosa de outros tempos! Poucos, a não ser os pacientes e fleugmaticos inglezes, teriam a coragem que eu tive, de ler dous grossos volumes de Cartas de Amor (genero de literatura que só interessa quem a inspira e recebe) em que vem assignalado dia a dia, o nascimento, o progresso, o pleno desabrochamento desse amor, que por ser tão diverso do amor que os homens sentem, inspira uma especie de assombro. É quasi inacreditavel á nossa raça sensual e materialista.

Para nos documentarmos sobre esta extranha historia lemos *The life and letters of Robert Browning* e mais os dois volumes que se intitulam *The letters of Robert Browning and Elisabeth Barret*. Para toda a Inglaterra, para todos os cantos do planeta onde se falla a lingua ingleza, quer seja a America, quer as Indias, quer o Canadá, estes dous nomes significam duas grandes glorias da literatura universal.

ROBERT BROWNING

Para nós, ao terminar a longa leitura, significavam muito mais. Robert Browning, que a Inglaterra colloca a par de Shakespeare não merece decerto tão alta classificação entre os outros povos. Shakespeare é sempre o mesmo, é sempre o unico no seu pedestal solitario. O grande vidente para quem a alma humana — a alma humana de todos os tempos — é um livro aberto em que elle lê os segredos mais reconditos, que elle adivinha e que revela por meio de um poder que nunca foi nem será egualado.

Mas Robert Browning é mais do que isto. É um homem de bondade, de generosidade, de espiritualidade tão perfeita, que saber-lhe a vida, lêr as cartas em que elle offereceu a sua existencia inteira á mulher que por um alto dom soube comprehender e amar, é ficar melhor, é ficar mais reconciliado com esta vida que nos está parecendo tão baixa e tão brutal.

Elisabeth Barret é uma mulher de trinta e tantos annos, não bella, mas tocante, fallando não aos sentidos, mas á alma, um talento delicado e fragil, uma creatura que as circumstancias excepcionaes parecem condemnar á solidão eterna do coração.

Vive em Londres sob o tecto de um pae, antigo plantador das Antilhas, alma autoritaria e dura, que lhe não consente a minima expansão fóra das praxes de uma vida toda regulada e estreita. Cheia de talento, tem publicado alguns versos, que encontram no publico acolhimento sympatico e curiosa attenção.

Robert Browning, mais moço seis annos, não conhece a poetisa solitaria, desanimada, sem esperança, que uma doença pertinaz condemna á immobilidade quasi completa na *chaise-longue* da sua pequena sala. Elle tem escripto muito, tem dado ao espirito vasto alimento, tem-se interessado ardentemente pela vida que ama *por si só*, que ama porque é a vida, a unica coisa que nós temos a certeza de possuir, a que nos emballa com as suas harmonias, a que nos seduz com as suas côres, a que nos encanta e perturba com as suas formas, a que nos estonteia com o acre sabôr das suas sensações, a que nos faz chorar e rir, a que nos insufla ambições loucas, e as realisa muita vez, a que nos aterra com a visão sempre presente do seu remate que é a morte, a que nos embriaga com a illusão suprema do seu fim, que é o Amôr, a que tanto mais nos fascina e intensamente nos interessa, quanto mais nós somos o instrumento bello, perfeito, equilibrado, harmonioso que ella sabe crear... e destruir!

A este homem, tão cheio de vida ardente e superior, o que podia dizer aquella pallida creatura de pequenas mãos e grandes olhos pensativos, que não sabia viver nem morrer, e que vegetava, suspensa entre a vida e a morte, numa especie de sonho triste e vago?! Pois bem! Foi essa a mulher que elle, entre tantas cheias de força e de vitalidade, escolheu para sua musa eterna, para sua esposa, talvez de um dia! Um acaso fez com que aos olhos do joven poeta, ainda então não embriagado com os fumos da gloria, que mais tarde o envolveram, apparecesse um verso em que a poetisa lhe citava o nome já conhecido entre os amadores de boas letras. Uma citação, mais nada. Elle teve não sei que presentimento extranho, quiz conhecer aquella mulher que de longe o comprehendera.

Um amigo commum conseguio, de Isabel, o que ninguem tinha ainda conseguido, nem os mais conhecidos e gloriosos: ella acedeu a que lhe apresentassem, na pequena salinha em cujas quatro paredes se tinha concentrado todo o seu viver, o poeta de coração ardente, a quem o seu coração respondera como um echo sonoro.

Desde esse dia Isabel foi para Robert Browning a adoração unica, a paixão profunda, mysteriosa, insondavel, mais forte que a Vida, mais forte que a Morte. Ás suas primeiras cartas, palpitantes já do afecto que vae crear asas poderosas, asas de aguia que arrastam para as alturas, ainda os mais refractarios, ella responde receiosa, acceitando a amisade, mas só a amisade, e pondo a essa mesma, condições de toda a ordem.

Diz-lhe que é doente, irremediavelmente triste, que ninguem lhe póde animar o seu pobre coração que da vida só conhece as tristezas e que já não tem tempo de conhecer outra cousa. Falla-lhe das condições excepcionaes em que vive, guardada pelo amor ciumento e colerico do pai, pelo cuidado meticuloso e cheio de receios do irmão, por alguns amigos velhos, que a acham encantadora mas que egoistamente querem que esse encanto seja só seu. E diz-lhe que tem medo! Medo de viver! Medo de sentir, medo de amar! Qualquer emoção a faz adoecer por longos dias. A morte desastrosa de um irmão que adorára é que a prostrou assim naquelle *sophá* onde elle a viu e onde ella vegeta; tendo, por suprema consolação, os versos que lhe sahem da alma, como os perfumes se exhalam da flôr, os poetas gregos que lê no original (porque esta deliciosa e fragil mulher é terrivelmente sabia), os velhos amigos que a veem ver e balouçar deante della o thuribulo de incenso a que pouco e pouco se acostumára.

Tem tambem já — conhece-se isso perfeitamente na correspon-

dencia que eu li com toda a atenção que aquelle caso phychologico requeria — tem tambem algumas das manias incipientes da *Vieille fille*. O cãosinho que é seu companheiro de todas as horas, o amor da ordem, do arranjo, da regularidade de habitos, absoluto. Aquelle intruso, aquelle extranho, aquelle barbaro que invade de repente o seu santuario recatado, que o enche de flores cheirosas, que lhe falla de outros interesses, de outros gostos, que lhe conta do mundo extraordinarias aventuras, que lhe diz que elle é muito grande; e lhe descreve em linguagem apaixonada e colorida os varios aspectos que elle tem, que lhe falla da sua Italia, como o mais enthusiasta artista da Renascença o poderia fazer, que lhe faz ver pelos olhos delle — tão abertos, tão vivos, tão expressivos, tão ardentes — os quadros e as estatuas, os lagos e as paisagens, que lhe conta cousas extranhas; e que a vida não se passa entre quatro paredes, e que se vive, e que se ama, e que é bom soffrer, e que é bom atirar-se em alma e corpo ao grande abysmo de fauces escancaradas que a espera cá fóra — tudo isto estonteia, enleva, enlouquece a mulher que vivia escondida dentro da pobre doente immobilisada, passiva e quasi morta.

Dous annos levou Roberto Browning a conquistar o amor de Isabel. A conquistar não. Ella amava-o já com surpresa extranha, com reconhecimento extatico, com ternura, com humildade innefavel, e esses sentimentos requintados, e tão puros, traduzia-os dia a dia em versos, que contam entre os mais bellos versos lyricos da poesia ingleza, em versos a que chamou *Sonetos Portuguezes* e que lembram os transportes apaixonados da nossa freira immortal. Mas esse pequeno livro que é para a Inglaterra e para toda a gente que falla a lingua ingleza, um thesouro raro, não o conheceu elle, senão depois do casamento. Que pena não poder transplantar para aqui alguns d'esses versos, que são perolas. Entretanto, Roberto Browning lutára com ella momento a momento, para que ella se deixasse viver, para que ella se deixasse amar.

A *correspondencia* entre os dois occupa 1.146 paginas.

As cartas d'elle são poemas, tão bellas, tão espirituaes nos parecem, tão ardente o sopro de dedicação, que as enche e engrandece.

Ama-a, não por que é doente, não por que tem talento, não por que é uma gloria, que já illumina o seu paiz. Ama-a por que *é ella*. Isto commove um pouco a esquiva Izabel.

Tinha tanto medo de que o amor d'elle fosse piedade pelo seu martyrio; ephemera admiração pelo seu genio! O amor que a faria feliz não seria nem feito de piedade, nem de fascinação literaria. Queria qualquer coisa ideal, que a unisse ao seu poeta, mas em que não entrassem as contingencias passageiras da vida. E elle infatigavel, com uma eloquencia que lhe vem do intimo d'alma, pede-lhe que o deixe tomar conta do seu destino, transfigura-lo ao sol do seu amôr unico, que não depende da belleza nem do genio, que é *por que é*, como Deus!

Ao mesmo tempo, por um milagre d'amôr que se não explica, a doente voltava a ser uma pessoa sã, levantava-se da sua cadeira de tortura, *andara*, ella, a paralytica, descia as escadas, passeava nas casas, chegava a sahir de carruagem!

Nenhum remedio a tinha alliviado, sequer: curara-a o amôr todo espiritual de um homem que lhe dizia: Pois bem. Acceito de ti o que me queres dar. Passar duas horas ao pé do teu *sophá* é mais para mim do que o amôr de todas as mulheres deste mundo. Serei teu amigo, só teu amigo viverei na sombra deste amôr que nada me quer dar, e que me dá tudo sem querer.

E quem se exprimia assim era já um famoso poeta, e tinha em si a virtualidade de uma grandeza tão alta, que os Inglezes não acham senão Shakspeare para a elle o comparar!

Não posso narrar bem esta historia divina, que merecia ser contada de joelhos, por uma alma da envergadura dos dous poetas que a viveram.

Izabel, depois de dois annos de adoração sem limites, cedeu áquelle amor que a curára, que a ressuscitára para a vida. Mas o pae, inflexivel, não lhe permittia sequer, que ella lhe fallasse no casamento possivel. O Lazaro erguido do tumulo, não pode seguir o seu Christo pelos caminhos da vida!

E ella tremia do pai, queria obedecer-lhe, sacrificar-se ao seu egoismo sem nome...

Depois de muitas hesitações, depois de muitas luctas intimas, depois de horas que afastariam pela intoleravel incerteza, todos os noivos que não fossem este noivo sublime, ella emfim sahe uma manhã, acompanhada pela sua fiel creada e ex-enfermeira, entra na egreja mais morta do que viva e recebe, finalmente, a benção que a vai para sempre unir a Roberto Browning.

Elizabeth Barret

Dias depois, partem ambos para Italia, que nunca mais abandonaram, senão para curtas viagens a Londres e a Paris.

O pai nunca mais lhe quiz perdoar. Ella, porém, entrára em pleno paraizo. Podia esquecer tudo, protegida pelo amôr mais bello de homem que me tem sido dado estudar nos livros ou ver na realidade.

Dez annos durou esta felicidade paridisiaca. Durante esses dez annos Isabel publicou os *Sonetos Portuguezes* já citados e a *Aurora Leigh*, um poema moderno que não se parece com nenhum outro, mas que é por si um encanto, uma obra prima fascinadora, como devia sê-lo a mulher que tal amôr soube inspirar.

Browning continuou a trabalhar e cada livro novo lhe trasia mais admiração, e mais fama.

Pelo braço d'elle. Izabel que desaprendera o *andar*, viu tudo o que de mais bello ha para ver nessa Italia, que é o muzeu do mundo. Tiveram um filho. Conheceram todas sa cousas boas e deliciosas da vida, que ella recusára tanto tempo obstinadamente conhecer!

No fim de dez annos, Izabel morreu nos braços do seu marido adorado, tendo realisado um sonho de felicidade rara e unica!

O poeta que a soube amar assim, soube guardar sem substituição o lugar que ella occupára. Que lindo poema tinha sido o do seu amôr; nenhuma das innumeraveis e formosas obras poeticas que elle publicou depois e tão impecavelmente perfeita como essa pagina *vivida* de uma existencia que foi longa e cada vez mais gloriosa. Em todos os seus versos, porém, perpassa uma imagem indelevel, uma visão mysteriosa e fascinante! Em todos elles ha uma lembrança, uma invocação que recorda aquella a quem elle chamou uma vez:

O' lyric love, half angel and half bird
And all a wonder, and a wild desire!

A deliciosa pomba tinha tido garras de aguia um momento e cravou-lh'as no coração sangrento para que nunca elle a pudesse esquecer!

1913.

Maria Amalia Vaz de Carvalho.

Coelho Franca

RUA ELEGANTE

Aves soltas.

Trez... é a conta que Deus fez.

Quem dá aos pobres...

Esperando ...

Começando a tarde.

Descendo á terra.

Entre Deus e o Mundo.

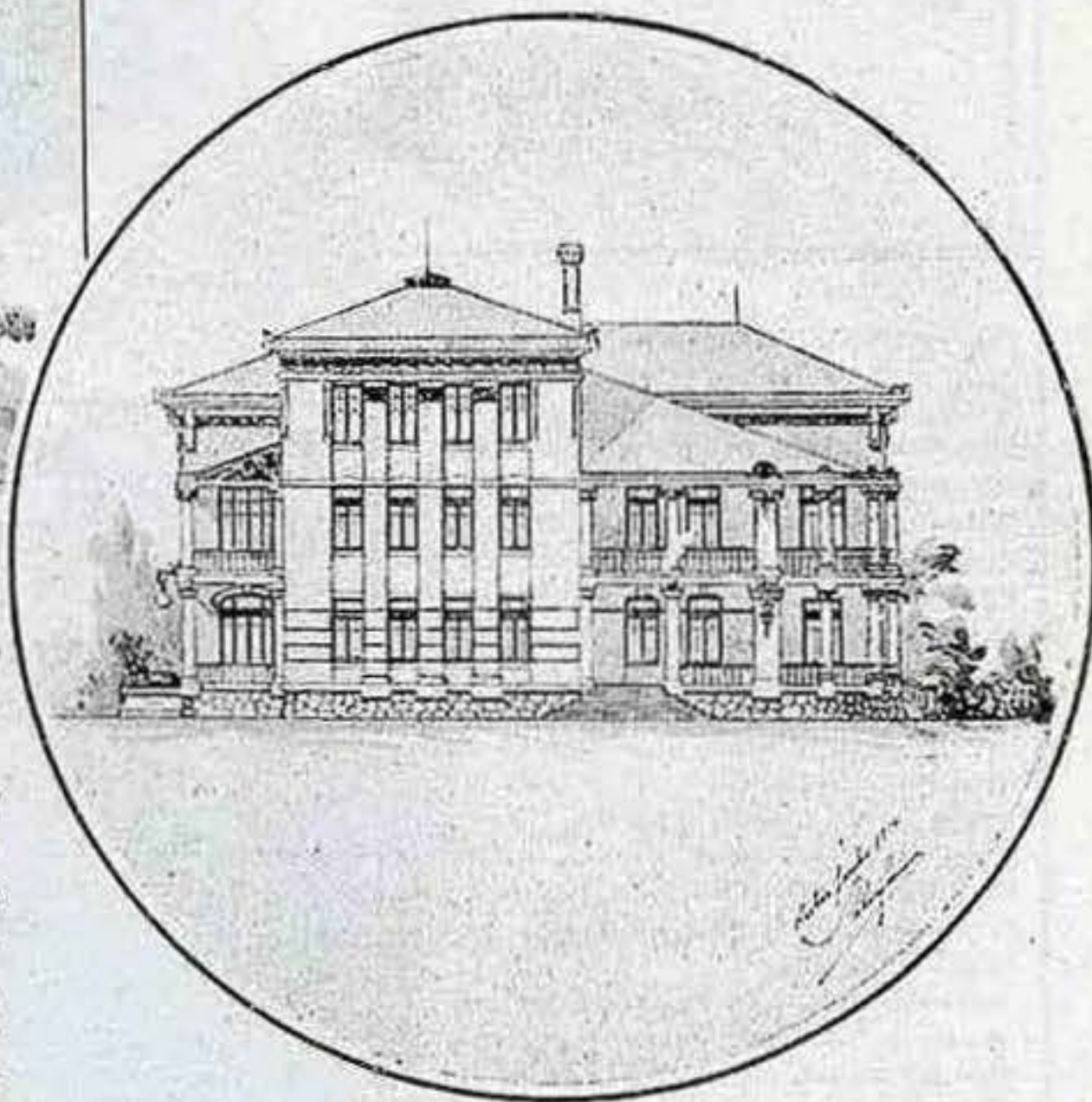
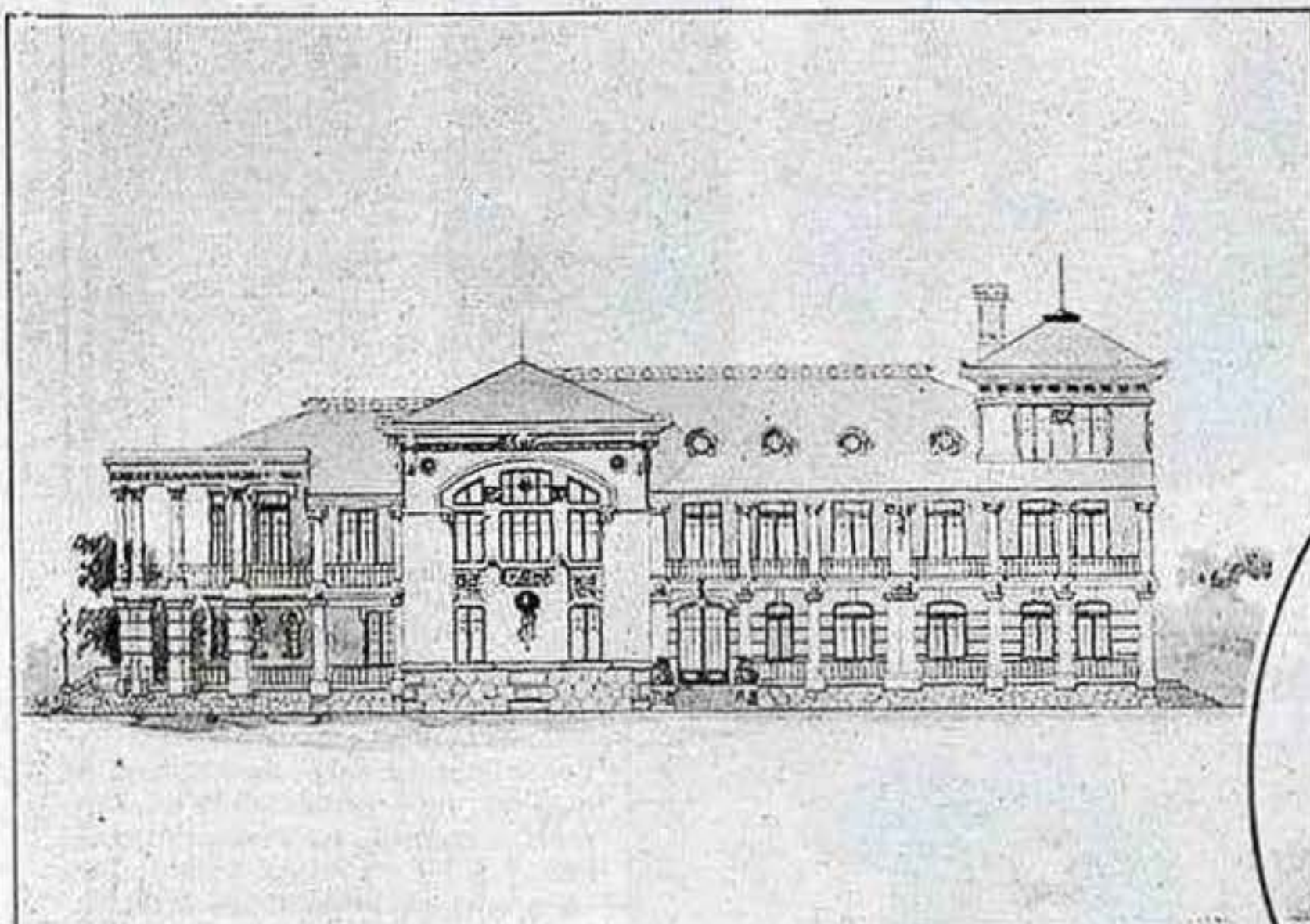
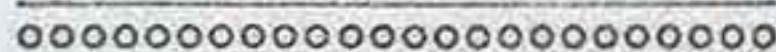
Findando a tarde.

A passo firme.

CAMPOS — PRAIAS — CIDADES

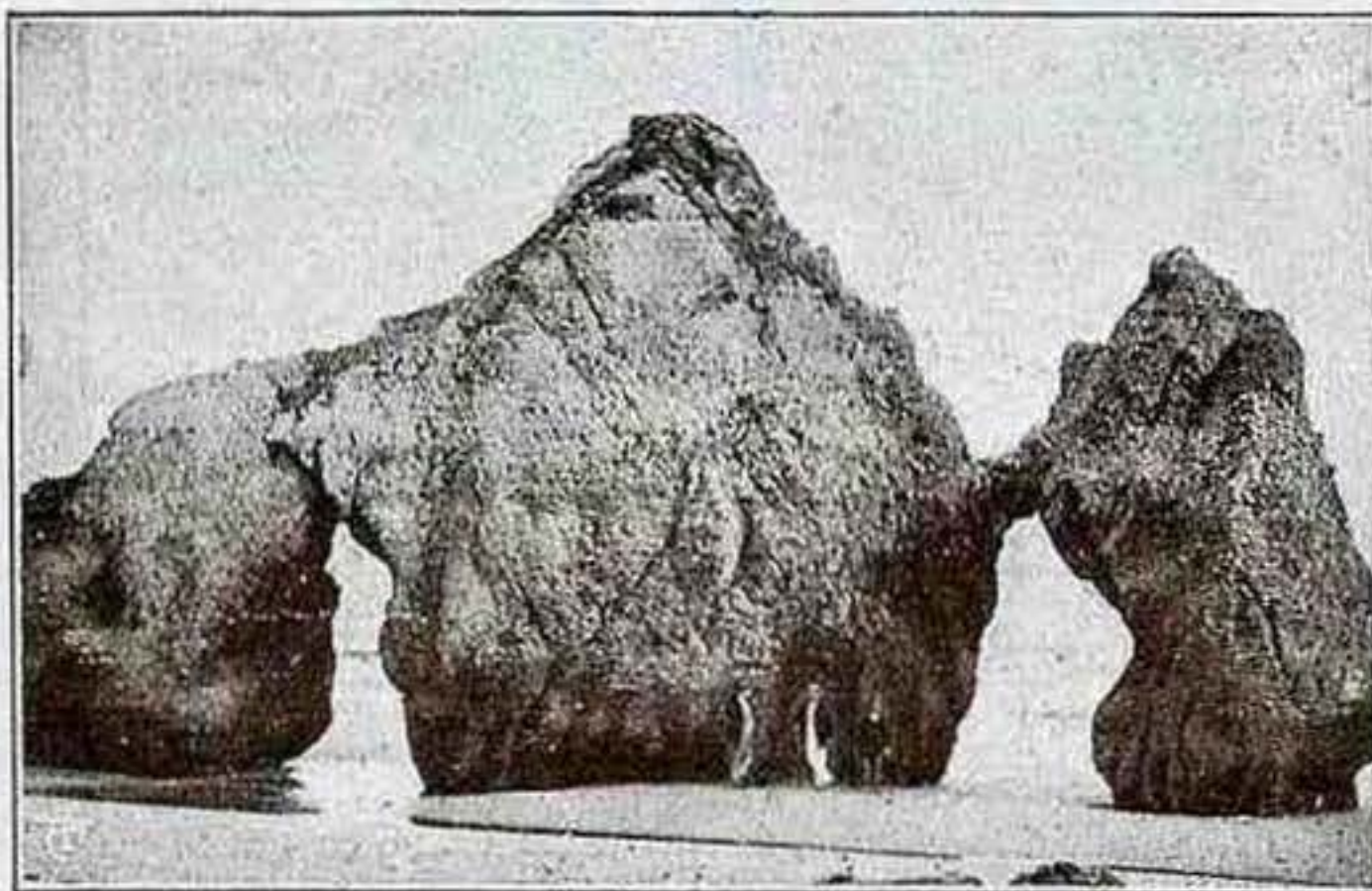
OS ESTORIS DE AMANHÃ

UM PAVILHÃO DE SPORTS.

Verdadeiramente excepcionaes em condicções de situação, clima e pinturesco, aos nossos Estoris faltavam apenas o luxo, a hygiene, a arte e o conforto que a vida moderna exige, para vantajosamente poderem disputar as simpathias e as assiduidades do Turismo ás grandes estancias de saude do estrangeiro. Remediadas essas difficiencias, licito é crer que em muito breve a nossa *Côte d'Azur* conquiste o renome que lhe cabe como das mais formosas e atrahentes estações de repouso da Europa. Estes dois aspectos do Pavilhão de Sports de que é auctor o Sr. Antonio Rodrigues da Silva Junior, e que alli anda a construir-se, bastam por si a dar-nos uma excelente e consoladora impressão da intelligencia e largueza com que foi elaborado e começa a realisar-se o plano de transformação da estação thermal do Estoril. Ainda bem!

PRAIA DA ROCHA

Iniciando a série de conferencias que a Sociedade Propaganda de Portugal se propõe realisar na sua séde, sobre a vida regional do nosso paiz, o sr. Candido Marrecas apresentou-nos ali, ha semanas, um excelente estudo sobre os costumes e paisagens do Algarve, e muito principalmente sobre o futuro d'essa encantadora pagina de natureza que é a Praia da Rocha — um dos mais belos locaes balneareos da peninsula.

A obra do sr. Marrecas — e com ela a da patriotica Sociedade Propaganda de Portugal — merecem bem o aplauso de todos quantos, n'este paiz de irresolução e maldizença, comprehendem bem a soma de abnegação e energia de que é necessario dispender, para, atravez a indiferença dos poderes do Estado e da maioria dos cidadãos portuguezes por iniciativas deste valor, continuarem a luctar pelo desenvolvimento da vida do turismo no paiz e, portanto, pela solução do problema economico intensissimo que de ha muito quasi que inutilisa a vida das nossas cidades de provincia: praias, termas e estações de visita artistica, industrial, ethnografica, etc.

A Praia da Rocha teve no excelente trabalho do sr. Candido Marrecas um panegerico á altura dos seus encantos, e bem interessante se torna criar n'este paiz um ambiente de acolhimento aos programas de turismo, visto que, sendo nós creados dentro de uma terra extraordinariamente favorecida da Beleza, justo é que para ella se dirijam as alegrias dos nossos primeiros passeios.

Do Minho ao Algarve, felizmente, ergue-se e oferece-se-nos uma série enorme de paisagens e tipos dos mais belos que a Europa tem.

FIGURAS DE THEATRO

CHABY PINHEIRO

Acabo de registar a formula de uma descoberta ultimamente por mim realizada, a qual consiste em poder afirmar, com maior ou menor numero de palavras (á minha escolha) e sem preocupações humoristicas de especie alguma, nada menos que o seguinte: dentro do actôr Chaby Pinheiro existe, desde 12 de janeiro de 1875 — data do nascimento do grande artista — um outro individuo, nada menos que um outro individuo, de forma animada como a sua, é claro, carne e osso semelhantes dos seus, apenas com talvez um pouco menos de volume central e não de muito diferente estatura.

Assim, creio, revelando com franqueza e sem retribuição de especie nenhuma o segredo da minha descoberta, eu acabo de conseguir esclarecer no espirito publico essa inquiéta interrogação de ha muito — de sempre, direi — do mesmo publico perante as subitas e sensacionaes tran-figurações de Chaby Pinheiro no palco. E' que ali, portas a dentro da sala, no meio do grande inferno scénico, onde irremediavelmente se têm precipitado tantas almas agitadas pela aliaz legitima ambição de se ampliarem, o artista já então não é «o nosso amavel Chaby», como tanto usamos dizer, mas tão somente o *outro*, o que anteriormente não viamos, aquele emfim acerca de quem uma espantosa maioria publica, sacudida no *fauteuil*, tem suado equivocos laboriosos, e sob cuja ultima palavra, em cada uma das personagens criadas, a exclamação é tão imediata como vibrante:

— Espantoso! Este homem é espantoso. Como ele consegue tornar-se leve, adelgaçar, transportar-se ligeiramente de um ao outro lado do palco!...

Com efeito, Chaby Pinheiro, quando trabalha, não é o mesmo, é extraordinariamente outro — transforma-se, muda de corpo.

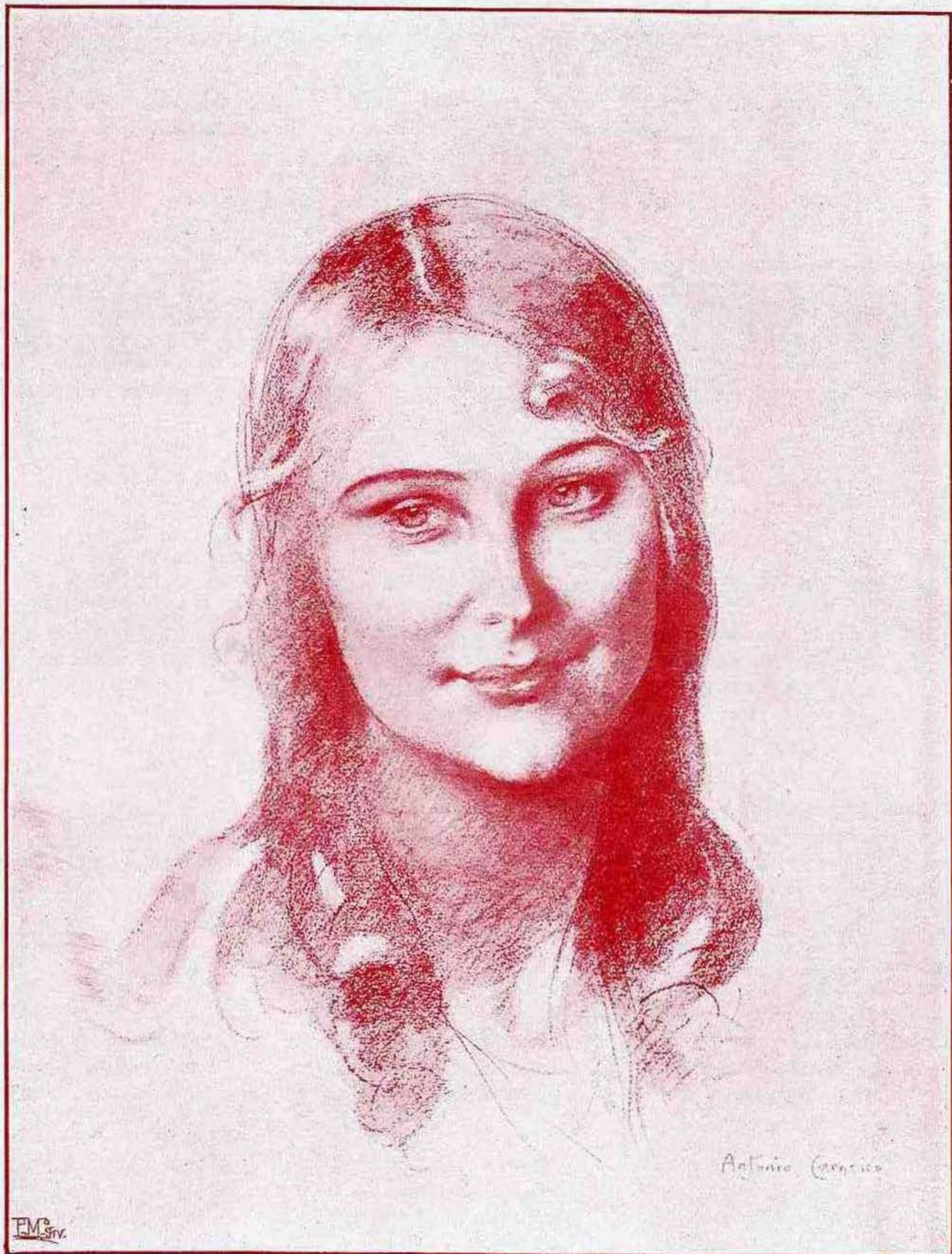
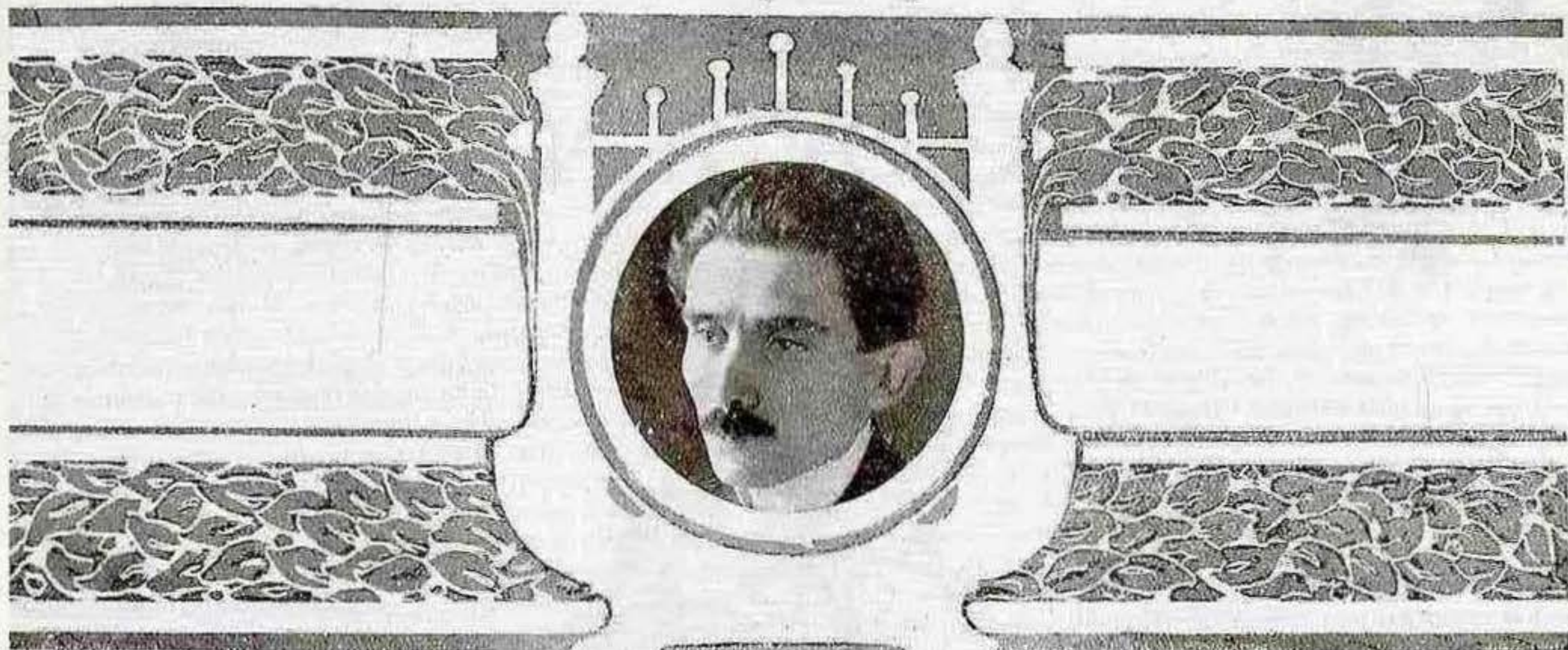
Mas, para isso, quanto esforço, quanto talento!

Ha pouco, ainda, assim succedeu. Por signal que era a noite da festa artistica de Chaby. O seu camarim estava repleto de flores e de amigos. N'isto a campainha acaba de tocar. A plateia enche-se quasi que de repente. Pouco depois a luz desce. Sobe o pano. E' quando á portada o *Bento* barbeiro — dessa obra prima do nosso teatro regional, *Os Velhos*, do grande poeta que foi D. João da Camara — pronuncia as primeiras palavras, sacudida, a plateia levanta-se, sauda-o e aplaude-o calorosamente.

E todavia o *Bento* não tinha dito mais do que, com singeleza:

— Ora louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Clichés de Furtado & Reis

ALFREDO GUIMARÃES.

A INGLEZINHA
POR
ANTONIO CARNEIRO

Aos Soldados que Partem

POR ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA

(EXCERTO)

Pela doce Patria antiga;
Pelo seu nobre Passado;
Pelo Futuro, toldado
De tanta sombra inimiga:
— Deus caminhe a vosso lado! —

Pelo mar das Caravellas,
E o Condestavel, e a Lança;
Pelo Sinal das estrellas;
Rosas a abrir nas janellas:
— Vá comvosco a nossa espr'ança —

Pela terra que dá pão;
E as aves das ramarias;
E o toque de Avé-Marias;
E o bello fogo, ao serão:
— Tornem comvosco alegrias! —

Pelas nuvens, ao sol-pôr;
O ardente sol das manhãs;
Pelo cemiterio em flôr;
Lar, e noiva, e mãe, e irmãs:
— Vá comvosco o nosso amor! —

Por alta Estrella da Sorte,
(Como o sol do meio-dia
Que nunca sombra fazia...)
— Que nunca a sombra da morte
Vá em vossa companhia! —

Comvosco vão Patria e Deus;
E se venham a ajuntar
(A noite e a aurora dos céus...)
Tristes lagrimas do adeus
Aos sorrisos do voltar.

E voltareis... Cavadores,
Filhos das brenhas da serra!
Lançae a semente á terra,
Para achardes pão e flores
Quando voltardes da guerra.

Voltareis cêdo... Ao voltar,
Mães, Avós cheias de gelhas,
Nem as achareis mais velhas!
Só seus olhos, de chorar,
Terão orbitas vermelhas.

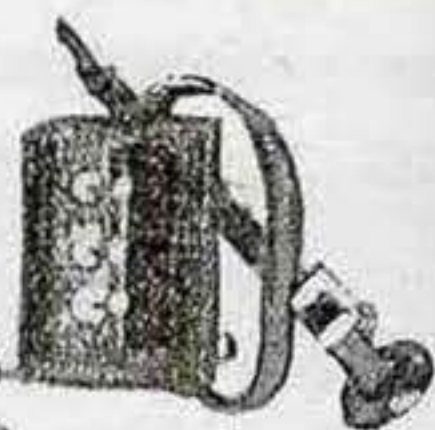
Voltareis cêdo... E, ficando
Em terras de Portugal,
As vossas noivas, rezando,
Cantando de quando em quando,
Irão bordando o enxoval.

Voltareis cêdo... Os filhinhos,
Se os tiverdes, — pobres paes! —
Irão, por esses caminhos,
(Talvez com fome, e rotinhos!)
Para vêrem se voltaes.

Voltareis cêdo... Á lareira,
O que sabereis, de serio?
— Mais amor na Companheira:
Mais um botão na roseira...
Mais alguem no cemiterio. —

Mais alguem na sepultura...
Quem será, Soldados, quem?
— Triste Patria, nossa Mãe,
Guarde-a Deus da morte escura,
Emquanto o mar vae e vem! —

Antonio Corrêa d'Oliveira

A SENHORA DA AGONIA

POR TEIXEIRA DE QUEIROZ

PARTIMOS ás cinco horas da manhã, quando o dia já era claro e o sol avermelhava as cumiadas do poente. Por causa do dono de uma diligencia ter roubado quatro passageiros ao d'aquella em que partiamos, abriu-se grande polemica de palavras e ameaças entre os dois cocheiros, lucta a que não foram indifferentes alguns dos meus companheiros de viagem, que logo se propuzeram a collaborar na desforra. Partiamos primeiro e não houve passageiro encontrado pelo caminho que não fosse por nós conquistado com prejuizo da propria commodidade. O que desejavamos provar ao outro que vinha atraz é que se não commette impunemente um crime. E a tal chegou a influencia e o amor da suggestão com um fim vingativo, que os meus companheiros convidavam conhecidos que encontravam pela estrada, encarecendo-lhe exageradamente o esplendor das festas, que seriam muito mais brilhantes do que nos annos anteriores. Um rapazote, cara estroina e vivaz, que estava commodamente á fresca de uma ramada proximo a Ponte do Lima, de tal modo se deixou seduzir, que mesmo como estava, pedindo somente emprestado um chapeu e tres coroas a um visinho, lá trepou para o alto da diligencia, sentando-se sobre a bagagem e principiando a tocar cavaquinho. De tudo isto resultou que levavamos um bom par de passageiros a mais do que a lotação da diligencia e a mim que tinha comprado o direito a uma certa área, onde pudesse applicar a correspondente superficie do meu corpo com o fim de ir sentado, só tocou pouco mais de um decimetro quadrado, na extremidade da imperial da diligencia, justamente a quarta parte da que se destina a uma cadeira de creança ou a oitava do que é necessaria para uma boa poltrona de estudo, como a de Garrett. Ia como sentado no fundo de um copo e n'esta situação chegamos á vista de Vianna, que logo de Santa Martha se descobre, como offerecida sobre uma bandeja. A cidade apparece e desapparece nas diversas curvas da estrada, antes que n'ella se entre; mas o que se vê sempre, lá no alto do monte toda cariada sobre o escuro pedestal de granito, é a ermida de Santa Luzia, que parece um gracioso forte defendido por donzellas e atacado por amores.

Os alegres ranchos iam cantando ao approximarem-se da cidade. Alguns eram acompanhados pelo seu abbade, bom typo de camponez, nédio, montado na egua lanzuda, seguida da cria. Nós cortamos um d'esses clamores, soberbos e ovantes a trote largo, e o do cavaquinho, que se conservava bem equilibrado no alto das bagagens, berrou para o ecclesiastico que acompanhava o clamor:

— É o seu rebanho, sr. abbade? Que rica ovelha ali vae!

— Rala-te, lambão. Não é o mel para a tua bocca — responde o sacerdote.

Houve alarido e risota de parte a parte; lá nos separámos.

O aspecto da pequena cidade era festivo e alegre. Galhardetes e bandeiras, descantes e muita gente pelas ruas. Logo á entrada deparamos com os *gigantones e cabezudos* acompanhados de dois policias, uma musica gallega de gaita de foles e poviléo chasqueador. Os *gigantones*, homem e mulher, mais admirados com os seus quatro metros de altura do que os pygmeus dos *cabezudos*, com cabeças até á cintura. Os grandalhões dançavam a passinhos miudos e olhavam para dentro das casas. Que mereciam maior consideração individual, a policia assim o demonstrava quando, para se proseguir no itinerario, ia falar a um buraco que essas abantesmas tinham no baixo ventre. Parece que n'estes seres phenomenaes os sentidos de relação teem de occupar logar especial, accessivel á policia.

Na feira do vasto campo da Agonia tudo se encontra, desde o simples buzio e a figa, emblemas contra feitiços, até ao boi nédio e de pello luzidio, com enfeites de flores nas pontas e guizalhada de campainhas ao pescoço.

Quem vae á Agonia leva uma idéa de commercio, misturada com a da devoção e ás vezes com a da therapeutica maritima.

Em volta de um pequeno jardim encontram-se mulheres acocoradas á maneira marroquina, offerecendo em pequenos saccos collocados no chão sementes de nabo, de serradella, de aveia serrão, de tojo, de melão, melancia, pepino, tomate, o pinhão bravo, limões, ovos e tremoços, linhaça, mostarda em grão, polvos seccos e moinho para travesseiros.

Em seguida ha filas de barracas, onde se vende calçado, panos, fazendas e lençaria, de cores variadas e gritadoras, estendendo-se no chão e pregada na lona das paredes. Ha barracas de cutelaria de Guimarães, de selins e cabeçadas de Braga, de louças, de latoaria, alambiques e tachos, e os bazares de quinquilharias, frequentadas pelos janotas. Ao lado de uma, onde se vendiam violas e cavaquinhos, havia outra com imagens de Christo já crucificado, em exposição. Um camponez acompanhado de um ecclesiastico, que naturalmente levava como perito, regateavam um crucifixo que levaram por uma moeda. A uma pergunta minha o barraqueiro respondeu-me que tinha ali uma imagem já benta que lhe viera por troca, visto o crente ter-se desgostado da phisionomia d'aquelle Jesus. Notando-lhe eu a pouca orthodoxia em vender objectos sagrados, respondeu-me claramente:

— São nicas. Ás vezes para o concertar não tenho eu de escavacar um Nosso Senhor que já serviu em procissões?

N'estes dizeres eu reconhecia a grande philosophia de Luiz XIV, que não queria ser visto em ceroulas pelo seu creado de quarto.

Na barraca de Santa Luzia, ao lado do homem que vendia alambiques e tachos, encontravam-se á venda, sob o engodo de uma loteria, todos os objectos offerecidos á milagrosa imagem. Nada melhor demonstra o espirito pratico, commercial e religioso d'este bom povo minhoto. Santa Luzia vir estabelecer em plena feira uma barraca para ajuntar dinheiro com o fim de se dotar com um novo templo em que decerto fará concorrencia á Senhora da Agonia, patrona do campo onde o mercado se estabelece, é nota digna de apreço e que mostra da parte da milagrosa imagem uma perfeita intelligencia dos principios commerciaes da economia politica.

As barracas mais frequentadas pela creançada e populares são as dos doces, limonadas, da roda da fortuna, dos bilhares chinezes, dos petiscos, do vinho e das melancias, que estão enfeitadas de ramalhetes, e servidas pelas raparigas de Aseosa, garridamente vestidas — pelle clara com ligeira tonalidade de pecego maduro.

A gente que enche o vasto campo á beira-mar é, na sua maioria, do districto. Alguns vieram a pé, de distancia de leguas, com pouco dinheiro e pouco tempo para se demorar. Tres ou quatro dias, 72 ou 96 horas, e em tão curto espaço trazem a incumbencia de feirar, cumprir a devoção e tomar duzia e meia de banhos do mar. Teem de dormir, comer, acompanhar os descantes e assistir a todos os festejos de missas ao ar livre, fogo de artificio e procissões. Em toda a parte se encontra aquella gente; porém a concorrencia á praia é constante desde o primeiro alvorecer até que a noite os apavora com o ronco das ondas. Para tomar o banho dispensa o ridiculo pudor de uma barraca. As mulheres despem-se em pleno areal e algumas preferem o alto dos penedos, que tem um piso macio, batidos como são desde seculos pelas ondas furiosas do mar. No entretanto é licito reconhecer banhos de tres ordens, graduados em relação á commodidade e á decencia. Os de primeira, tres mulheres collocando-se cada uma no respectivo vertice do mesmo triangulo, improvisam com dois lençoes uma barraca, dentro da qual uma companheira muda de vestuario. Nos da segunda, uma só mulher cobre outra com um lençol ou cobertor em quanto ella se despe, veste e reveste. Os de terceira são d'aquellas creaturas que teem de operar pelo seu unico engenho e esforço todas estas complicadas operações. E de tal maneira e com tal habilidade ellas se arranjam que nem sempre acontece exporem aos olhos do publico a sua completa nudez.

Não usam banheiros para se livrarem da furia do mar. Aproveitam as aguas mansas e protegem-se com os penedos que se agrupam em pequenas e numerosas enseadas. Umas agarradas ás outras resistem á ressaca das ondas, encostando-se ás penedias. As timoratas nunca se affastam a mais de dois metros da terra. Para mergulharem os corpos na agua salgada, teem de esperar o momento favoravel em que a onda vem, deitam-se de bruços, e deixam-se assim expellir como as algas que fluctuam soltas dos rochedos. Quando o mar fica sereno, as aguas estagnadas como n'uma poça, estas creaturas movendo-se com as mãos no chão e as pernas mergulhadas, os cabellos empastados e escorredios, parecem phocas emergindo das aguas. E os gritos, a algazarra d'este povo galhofeiro e assustadiço, forma um barulho complicado, como o dos rapazes de collegio na hora do recreio. Logo que estão vestidas, vão ás barracas dar uma vista, ou ao templo orar, comem pelo caminho alguma coisa e voltam depois a tomar novo banho, para levarem a conta que o cirurgião da freguezia lhes recommendára.

O segundo dia das festas (19) é o da romaria propriamente dita. Missa cantada, sermão e procissão em volta da egreja. No adro, mais de cem pedintes expondo aleijões, disformidades, mazellas de pelle que dariam para enriquecer pela variedade alguns muzeus teratologicos. O diccionario de palavras para attrahir a commiseração do romeiro que anda no rodopio das orações não é copioso; porém, cada um deseja salientar-se pela formula empregada ou pelo tom lamentoso ou aspero, conciliador ou aggressivo que emprega. Andam esses infelizes de feira em feira, de romaria em romaria, envelhecendo no desgraçado mister. E dizem que ha por esse paiz fóra asylos, hospitaes e policia!...

A noite d'esse dia é a do grande fogo.

Eu vi chegar os dois fogueteiros rivaes ás 11 horas da manhã. Cada um vinha á testa da sua gente, com a musica da terra adiante. O primeiro, homem espadaudo, alto, olhar soberbo e triumphante, vinha ladeado de dois mocetões, seus filhos. Seguiam-n'o trinta mulheres carregadas de girandolas, morteiros, grande numero de atados de foguetes, e figuras: o de velocipede, a macaca de balcão, o barbeiro. A musica soprava com animação e soprava com valentia. O do figle, com tal impeto marchava, que com uma cotovelada atirou ao chão uma mulher, continuando a andar impavidamente, tocando sempre.

O segundo fogueteiro, homem grosso, atarracado, de jaqueta ao hombro, tez morena, chapeu levantado para o alto da cabeça, deixava em desafogo a face energica. A' frente, a respectiva musica, não menos arrogante e galharda do que a outra, levando-lhe mesmo as lampas na abundancia de clarinetes, o que logo lhe conquistou as minhas sympathias. Levava um numero egual de mulheres carregadas com fogo e no que fazia consistir a sua proxima victoria parecia ser no effeito que esperava da peça do centro, que vinha a ser a veneranda imagem da Senhora da Agonia, apparecendo gloriosamente no meio de um ramalhete de luzes de cores variadas. Estes dois antagonistas tinham os seus partidarios, que os saudavam na passagem com vivacidade.

De todos os quatro dias de festa o elemento mais pittoresco é esta noite. Ha fogo, balões venezianos guarnecendo as linhas da egreja e pendentes das arvores, e ranchos populares com folgares e cantorias. O vasto campo á beira mar é um logar de repouso, para muitos que se sentem estropiados da jornada e da canceira do dia. Alguns dormem com a cabeça sobre os bornaes ou sobre algum regaço amigo, ou sobre o corpo dos outros. Vieram na noite precedente, galgaram leguas em alegre companhia, folgaram todo o dia e esperam pelo fogo para regressarem a casa. Agrupam-se em monticulos os que vieram juntos e os namorados aproveitam o amortecimento do respeitavel olho paterno, para trocarem confidencias esquecidas. Alguns mais rijos e espertos, para entreter e com o fim de regressarem menos pesados, vão trincando o resto do que existe no merendeiro, regando-o com alguns beijos na cabaça do vinho.

No centro da illuminação, perto do templo, andam as danças e cantigas populares. São os de perto, que só vieram de tarde e se sentem fresquinhos para gosarem a festa da noite. A dança de roda com requebros e brejeirices, attrae muita gente. As musicatas ouvem-se por toda a parte. Toda a especie de instrumentos, desde a busina até ao cornetim, vem augmentar o barulho. O vinho é bom, o corpo pede travessuras, os dias das ralações são frequentes, por isso toca a bailar e a cantar. Ha ranchos de cantadeiras casuaes, que não vale a pena attender. Porém outros, os que se concertaram na freguezia para virem ao fogo sob a vigilancia dos irmãos e namorados, e que reuniram raparigas de fama pela voz e formosura, esses então é de se lhes tirar o chapeu! As vozes finas, potentes e bem accordes, a canção popular conceituosa e enamorada, com um fundo melancolico, como gemido dos arvoredos, é de attrahir. A palavra não pode dar a impressão momentanea, fugitiva e generica da cantiga: mas se aquelle grupo de raparigas escolhidas que cantavam com voz cariciadora

O meu amor é pedreiro
Rapazes bem o sabeis
Ó lari-laró, ó lari-laró
Rapazes bem o sabeis,

Trabalha com um pico d'oiro
Temperado no meu quinteiro
Ó lari-laró, ó lari-laró
Temperado no meu quinteiro

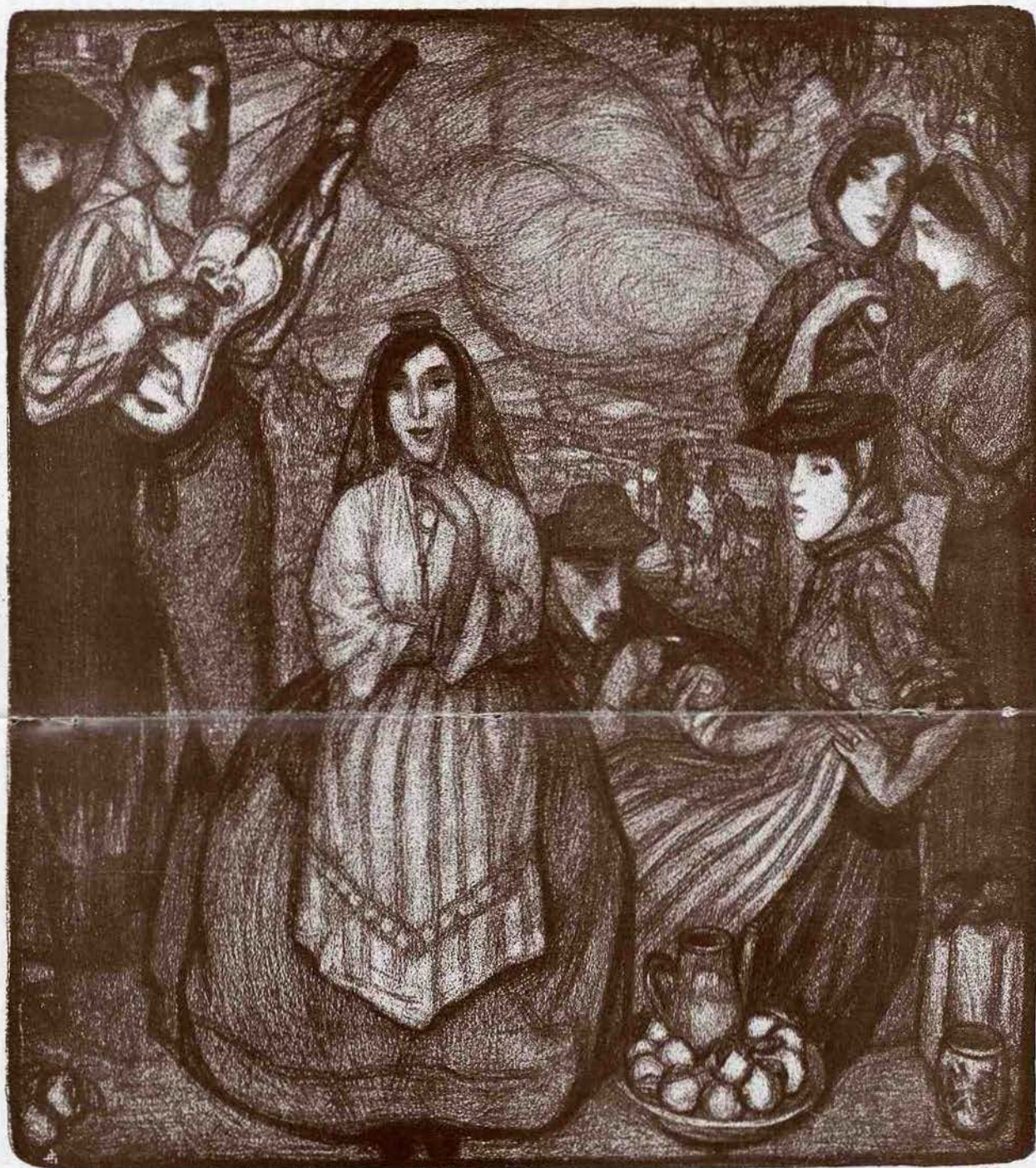
fosse ouvido pelo leitor merencorio, eu affianço-lhe que tambem havia de querer ser pedreiro e trabalhar com um pico de oiro temperado no quinteiro de qualquer d'essas formosas camponezas.

O que me causou funda e indelevel magua em toda esta romaria, foi a substituição que encontrei do inolvidavel clarinete pela concertina. Nem um só clarinete me foi dado vêr entre os musicos populares! Banido da folgança estúrdia um instrumento onde se podia mostrar a inspiração, o valor pessoal derivado das qualidades intrinsecas do tocador! Nunca a lugubre concertina, por mais que faça, chegará ao arreganho, á imponencia, á magestade do clarinete. O tocador do clarinete caminha ovante, cheio de si, cara alta, expressão energica, bufando com o impeto e a audacia de um forte! Podem-lhe pôr ao lado cem violas e vinte zabumbas, que logo que elle se metta em brios e queira arremessar para a amplidão aquelle som estridente e nervoso, nada lhe resiste. O barulho mais compacto e expesso será necessariamente furado e o som do clarinete apparecerá do outro lado glorioso e fino, como a ponta da lança de um christão, que de uma arremettida atravessou o duro arcabouço de um mouro.

O da concertina, com o cigarro ao canto da bocca, os braços baixos, o tronco inclinado, olha para o chão e o seu corpo, no andar, mostra geitos de homem cançado. Tem aspecto fastiento e o sopro que gera o som vê-se que lhe não sae da alma. O outro anda firme, olha arrogante, peito largo, face rubra. Quando elle está enthusiasmado, será mais facil tirar uma alma do inferno do que fazel-o calar.

No tempo do clarinete havia homens; a concertina é a decadencia!

Ó meu querido tocador de clarinete, como tu alegraste a minha infancia, e como eu lamento o teu desapparecimento! Eras um tocador singular, o generoso D. Quixote da musica! Adeus amigo, adeus!

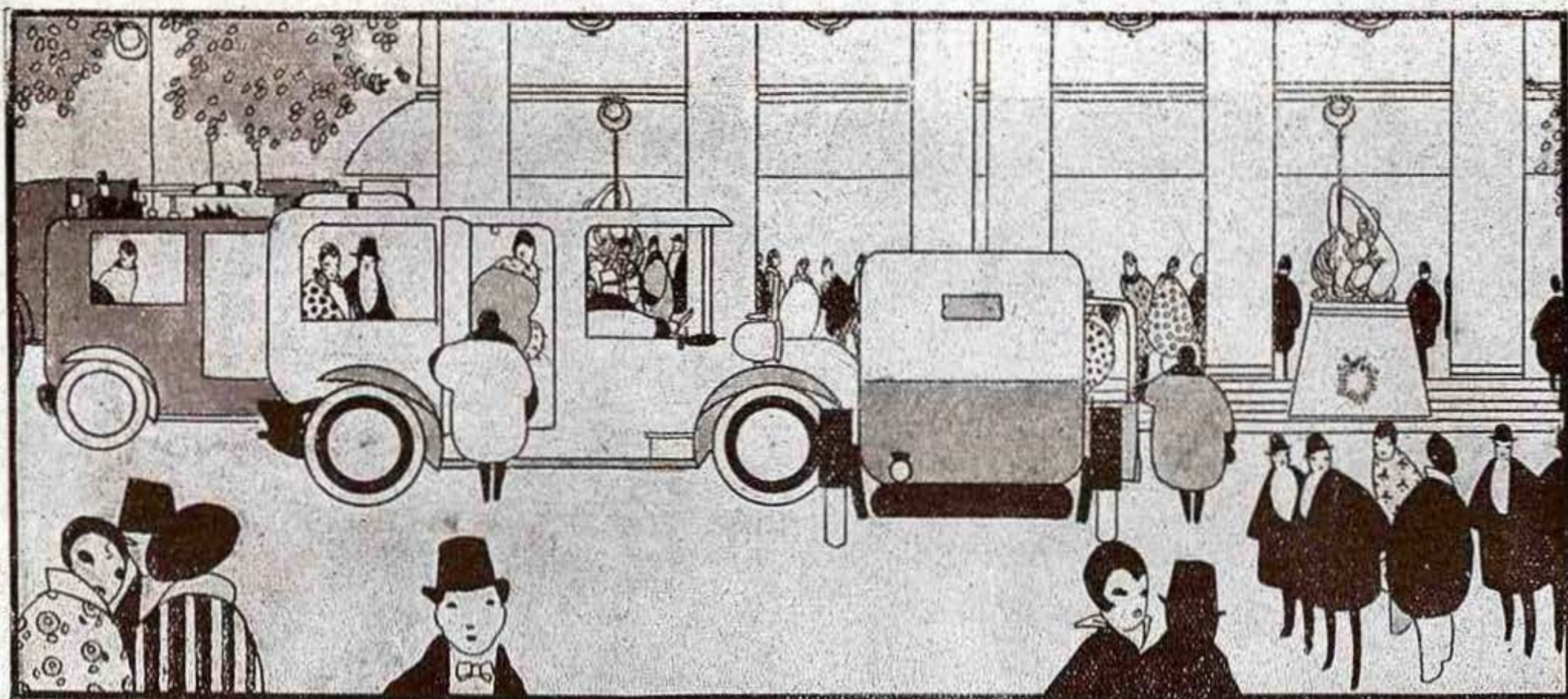
Teixeira de Queiroz.

ARTE PORTUGUEZA

O DIA DO SANTO

Composição inedita de EDUARDO VIANA

Eduardo Viana é, entre os pintores da nova geração, d'aquelles que mais aberta e firmemente veem ao encontro das nossas esperanças. Novo, vivo, inquieto quasi sempre, o seu espirito procura com uma anciedade e uma intensão superiores, não simplesmente qualquer coisa que sob o ponto de vista plastico marque originalidade imprevista, mas sim a expressão individual de uma funda necessidade de interpretar com a propria alma e os proprios nervos aquillo que, fóra de si e dentro de si, é edialidade, gosto, ternura, natureza comovida...

O Dia do Santo *revella bem como na obra do moço poeta das linhas, a bisarria da forma, de um rythmo tão largo e tão novo, se casa com o sentimento enternecido dos motivos simples, — creaturas e coisas barbaras do povo, cuja ingenuidade ruda tem no seu pincel e no seu lapis os mais suggestivos evocadores.*

Numa terra escravisada ao poder descaracterisante de tudo o que é exótico, — esta qualidade bastaria a impor-no-lo, se, mesmo sem ella, se nos não impozesse já á nossa admiração, pelo que na sua mocidade ha de talento, de fogosidade creadora e de faculdades de realisação

DE OUTRAS TERRAS

MEIA NOITE DE PARIS

POR

JUSTINO DE MONTALVÃO

EIA noite . . A meia noite singular deste Paris primaveril de guerra, que sob a ameaça dos *zeppelins* está fazendo do seu inalteravel desdem do perigo uma epopeia de estoicismo elegante e de galanteria heroica.

Saio d'um cinéma do Boulevard, com os olhos ainda frementes da visão das cidades e aldeias que os obuses allemães transformaram em Pompeias Tragicas, em Herculanuns de pezadelo, erguendo em scenographias de cataclysmo a architectura cahotica das casas e egrejas em ruinas.

Que Paris nocturno imprevisto para os que relembram a imagem prestigiosa das loucas meias-noites do Paris de ha oito mezes! Era a hora vertiginosa da saída dos theatros, em que o Boulevard vibrava no paroxismo da febre noctambula; a hora sumptuosa em que os perystilos da Opera e da Opera Comica, do Vaudeville, das Varietés, do Olympia, do Gymnasio, da Renaissance, de todos os music-halls e salas de espectaculos parisienses flamejavam como sacrarios pagãos; a hora ruidosa em que os fiacres e autos, ao businar continuo das trompas, atroavam as calçadas; a hora nevralgica e orgiaca das ceias dansantes no Café de Paris, no Cyro, no Maxim's, na Albaye de Théleme e nas *boites* celebres de Montmartre, onde os violinos diabolicos dos tziganos de smokings escarlates, sob o esplendor cegante dos lustres, faziam collear nas espiraes hystericas do *tango* as mulheres lubricas e semi-nuas como colmeias, á volta das mezas floridas e reluzentes de taças de champagne.

Os que conheceram a agitação e o movimento da Cidade Lux d'antes da guerra, mal a reconheceriam assim transformada na cidade do silencio e da escuridão, desde que os primeiros raids dos taubes e zeppelins determinaram as prescripções policiaes que a convidam a apagar os bicos de gaz e as lampadas electricas, a cerrar as cortinas das janellas, a suprimir as ceias nos restaurantes e a recolher puritanamente ao lar, á hora habitual em que começava a delirar.

Nem uma luz accesa, senão a d'um ou outro candieiro espaçado e mortiço, ás esquinas, sob os grandes abat-jours conicos de zinco que os coifam como barretes de dormir burguezes. Ao longo dos trottoirs raros vultos recolhendo apressados, entre as escuras fachadas mudas, de montras e janellas cegas.

Fechado o *metro* e suspensa a circulação dos *tramways*, encontrar um *sapin* ou um taxi-auto que condescenda a transportar-nos a estas horas escandalosamente tardias, é uma chimera tão illusoria como a do classico naufrago demandando a vela salvadora no mar deserto. Se por acáso algum se avista, ao longe, os chauffeurs e cocheiros atraz de quem corremos offegantes, limitam-se a responder-nos com um *zut!* impiedoso de despotas insensiveis a todas as nossas supplicas de miseros peões.

— Pobres elegantes parisienses, melindrosas flores de estufa a quem a requisição dos automoveis condemnou ás longas marchas crueis, nos vossos minusculos sapatinhos decotados á Carlos IX, quem poderá jamais cantar o elegiaco poema do vosso martyrio de arvéloas a coxear!

Quem como eu tiver a desconfortavel sorte de morar neste remoto «seizième» a que só por ironia continua a chamar-se, n'este

inhospito momento, o bairro elegante de Paris, é como se regressasse bruscamente da plena civilisação ás eras nomadas. E assim a guerra está sendo, pela supressão dos confortos do progresso e da locomoção, um philosophico apostolado do regresso á natureza e á vida simples, tão proclamado pelo velho Rousseau e pelos naturistas contemporaneos.

Mas que compensações imprevistas, nestas lentas peregrinações pedestres, atravez do Paris phantastico que a treva e o luar, scenographos incomparaveis, erguem na noite e no silencio, em prodigiosas décors visionarios.

Nesta noite lunar de Primavera em que vou caminhando solitariamente pelas ruas desertas, tenho a impressão de errar, espectador sonnambulo, n'uma cidade encantada e legendaria, n'uma longinqua idade ignota das edades mortas, Byzancio ou Carthago de sonho, com cupulas, terrassos, columnatas, palacios confusos, erigindo na sombra azul, perspectivas orientaes, sob o mudo céu estrellado.

Na penumbra esfumada do luar, os monumentos avultam em proporções colossaes, com uma nobreza de linhas que os faz parecer diversos dos que estamos habituados a ver de dia. A egreja da Magdeleine, com a columnata enorme sob o frontão esculpido e o telhado verde reluzindo na luz glacial, evoca as Acropoles do passado. Ao fundo da rua Royale, como d'uma galeria de sombra, a immensa praça da Concordia é um lago espelhante de claridades, com o obelisco egypcio subindo ao meio, como um cypreste petrificado, e as estatuas das cidades, á volta, esphynges espectraes guardando o segredo da noite.

Em face, para além do Sena rolando enygmaticamente entre os caes negros, as aguas tremuluzentes, a Camara dos Deputados é um mausoleu de treva a destacar das casarias diffusas da outra margem. Como no pano de fundo d'um scenario d'opera, ao fim da perspectiva ajardinada das Tuilleries, o Louvre tem a magestade d'um palacio de lenda, com as silhuetas dos torreões, dos domos e dos campanilhos recortadas, na abobada constellada.

E deante de mim, até ao alto da Etoile, onde o Arco de Triumpho parece abrir-se como a porta cyclopica do Infinito, a avenida dos Campos Elyseos, sem viv'alma, dir-se-ia toda branca e azul de lua, sob a pualha d'oiro dos astros, prolongar-se na miragem sideral da *via-lactea*.

Sob a claridade electrica do luar, azulando o verde dos relvados, os arvoredos entretecendo no ar a renda caprichosa dos ramos, tomam apparencias de mythologia, entre o silencio sonhante do parque adormecido.

Vou seguindo pelas alleas desertas, como encantadas sob a luz sobrenatural, d'uma magia tão mysteriosa, que se diria palpitante d'almas.

De repente, n'um banco, perto do macisso v. rdejante onde alveja a estatua pensativa de Daudet, avisto duas formas. Um militar e uma mulher. Ambos em plena juventude. Não se lhes distinguem bem as feições, na penumbra. Apenas o brilho dos dentes d'ella reluz no sorrizo da cabeça vergada sobre o hombro do homem, que lhe cinge o busto nos braços.

Não fallam. Unidos um contra o outro, como um só corpo extatico, esquecidos da tormenta que revolve o mundo, não sentem senão a harmonia da noite, do luar, do silencio e das estrellas; no divino milagre da primavera que faz vibrar, como uma lyra, a alma obscura dos seres...

Serenidade... sonho... poesia! Uma voz secreta desce das constellações, que cada um sente em si, no coração profundo — e que não falla, mesmo no horror d'esta hora tragica, senão do eterno desejo humano: existir, deixar na terra um coração onde fique gravado o vestigio da nossa passagem projectar a nossa vida para além dos cataclysmos e da morte.

Bello é o silencio, bello é o luar, bella é a noite harmoniosa.

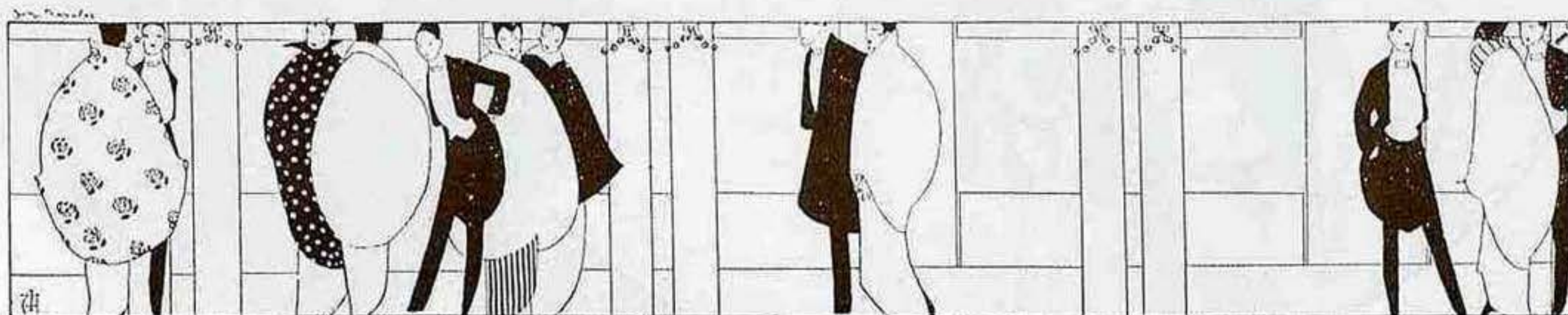
E' tal a imobilidade absorta do par amoroso, sob a paz immensa do infinito, que pergunto ás arvores, ao ceu, ao parque encantado:

— Sabeis que ha n'este instante milhões d'homens que não pensam senão em matar, em destruir e em exterminar?

Nenhuma voz me responde no segredo da noite indecifravel.

Mas, n'esse momento, os dois amantes levantam-se. E vejo então o soldado, apoiando-se a uma muleta, dar o primeiro passo hesitante sobre a unica perna que lhe não foi amputada — emquanto a companheira lhe oferece amorosamente o braço, para o amparar, como a uma creança que tem medo de cair...

Paris, Abril 915.

JUSTINO DE MONTALVÃO.

Illustrações de Jorge Barradas.

UMA PAGINA DA GUERRA

HORAS-VAGAS DE UM SOLDADO

...«Oh! *la Bete-Rouge!*... Nem vocês calculam a brutalidade e a grandeza extra-humanas de tudo *isto*. Como eu perdi a conciencia de que sou homem para me tornar simples mola d'esta monstruosa maquina de matar. Foram-se os ultimos escrupulos — durmo na lama, como num bom colchão. A' minha roda, está o campo juncado de homens mortos, de cavallos mortos, eguaes .. da tremenda egualdade do nada! Vivo enterrado em covas de dois metros de profundidade, com lôdo até aos joelhos. A espingarda, prendo-a aos pulsos, para não ser surprehendido, emquanto espero o grande momento. O instincto supremo é matar. Morrer? Tenho lá tempo e conciencia para pensar n'isso... Quando repouso, scismo na vida... E a minha saudade!... O meu Paris, a minha aldeiasita saloia!...»

N'estas palavras ha uma grande dôr que se estagna em resignação. E atravéz d'ellas, como o mar na concha de um busio que se cole ao ouvido, ouve-se todo o fragôr da longiqua tormenta de ferro e fogo de onde nos chegam.

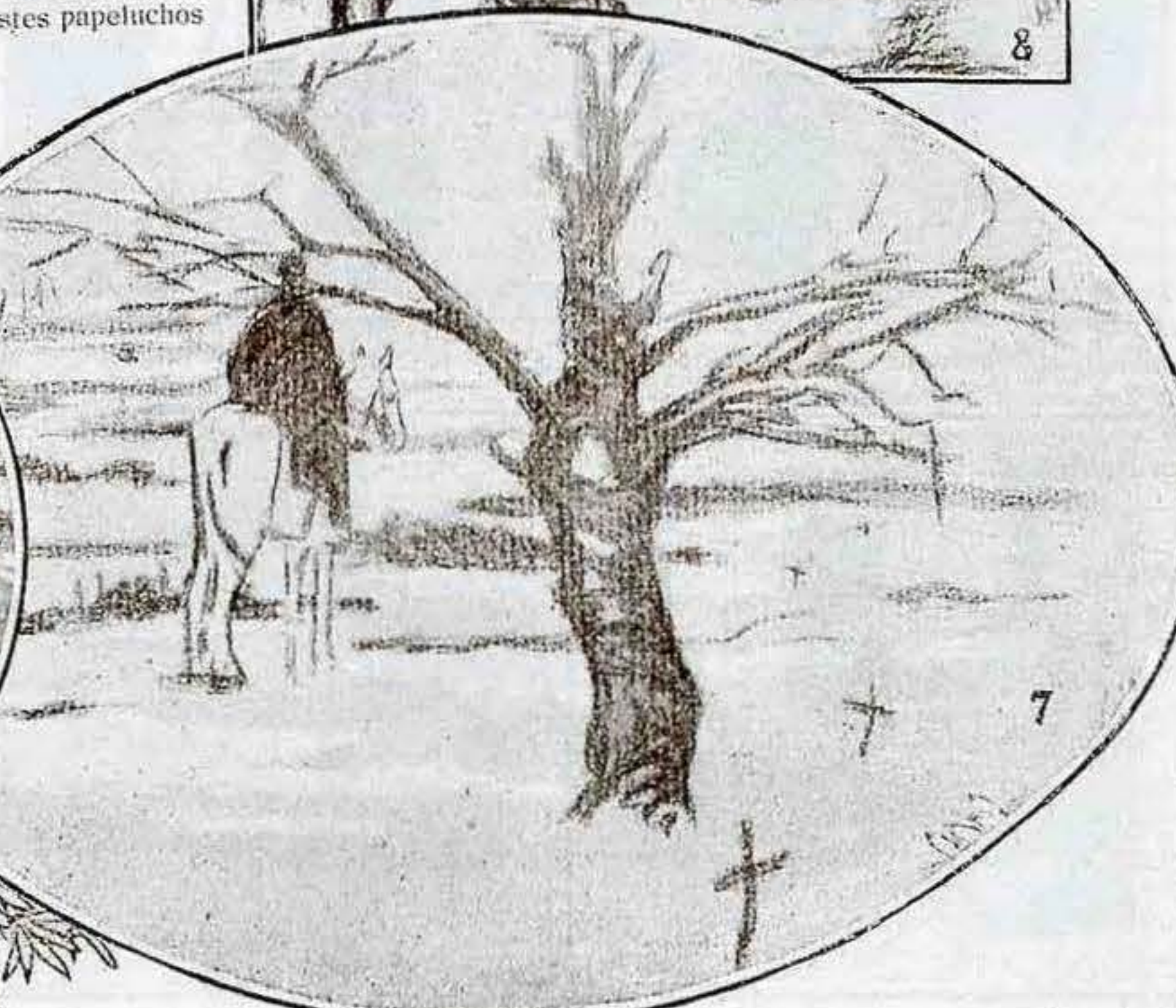
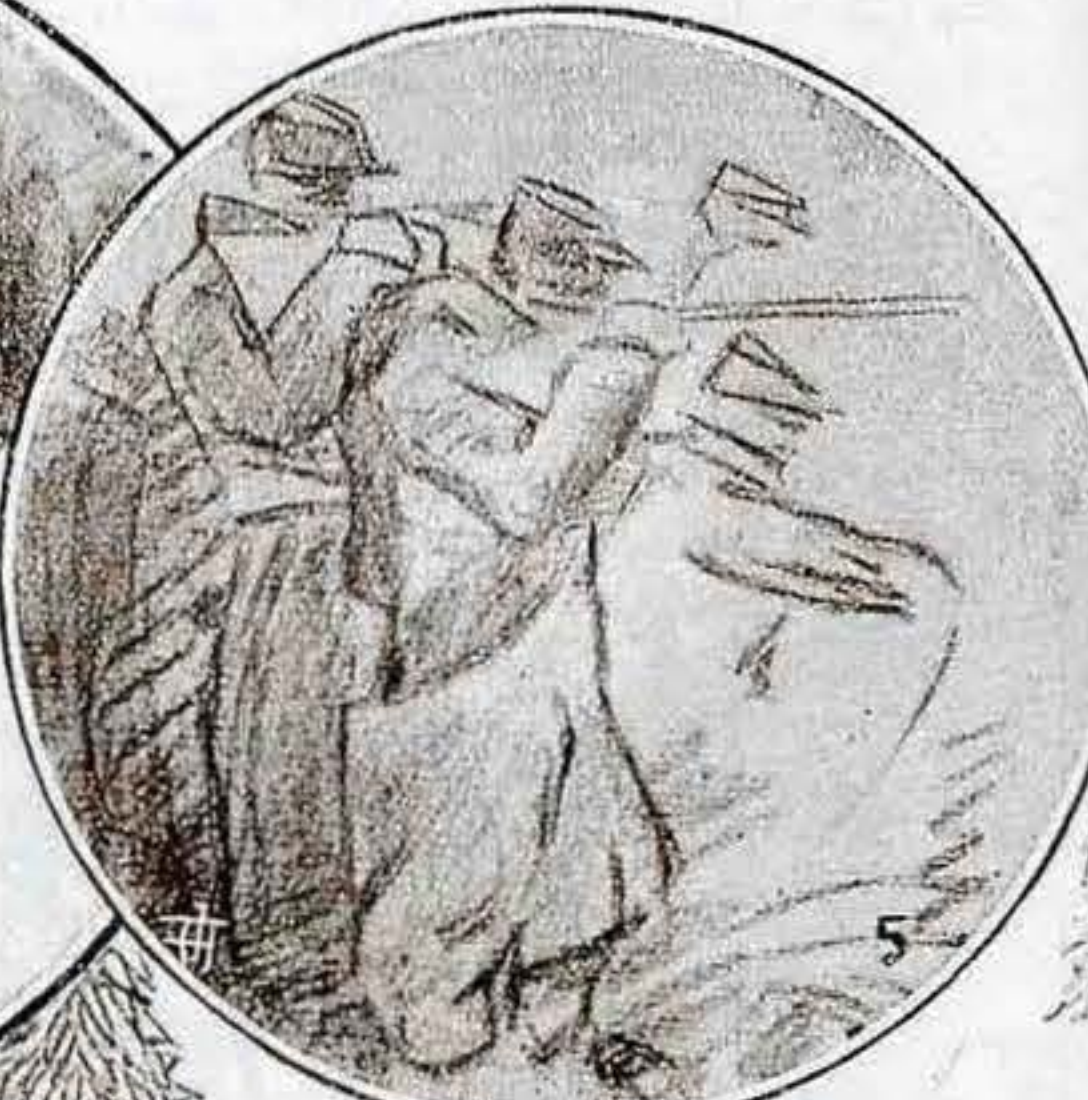
Carlos Franco trabalhava em Paris na sua Arte, quando a terrivel serpente de roscas de aço que é a guerra, se começou a enroscar nos povos. Portuguez — trepou-lhe á cabeça o sangue da raça; atirou para o lado a paléta e os pinceis, e partiu tambem. N'este momento, é soldado de um regimento de legionarios estrangeiros, e bate-se nas linhas de fogo. Onde? Nem elle o sabe, nem que o soubesse, podia dizê-lo. Vae na Onda.

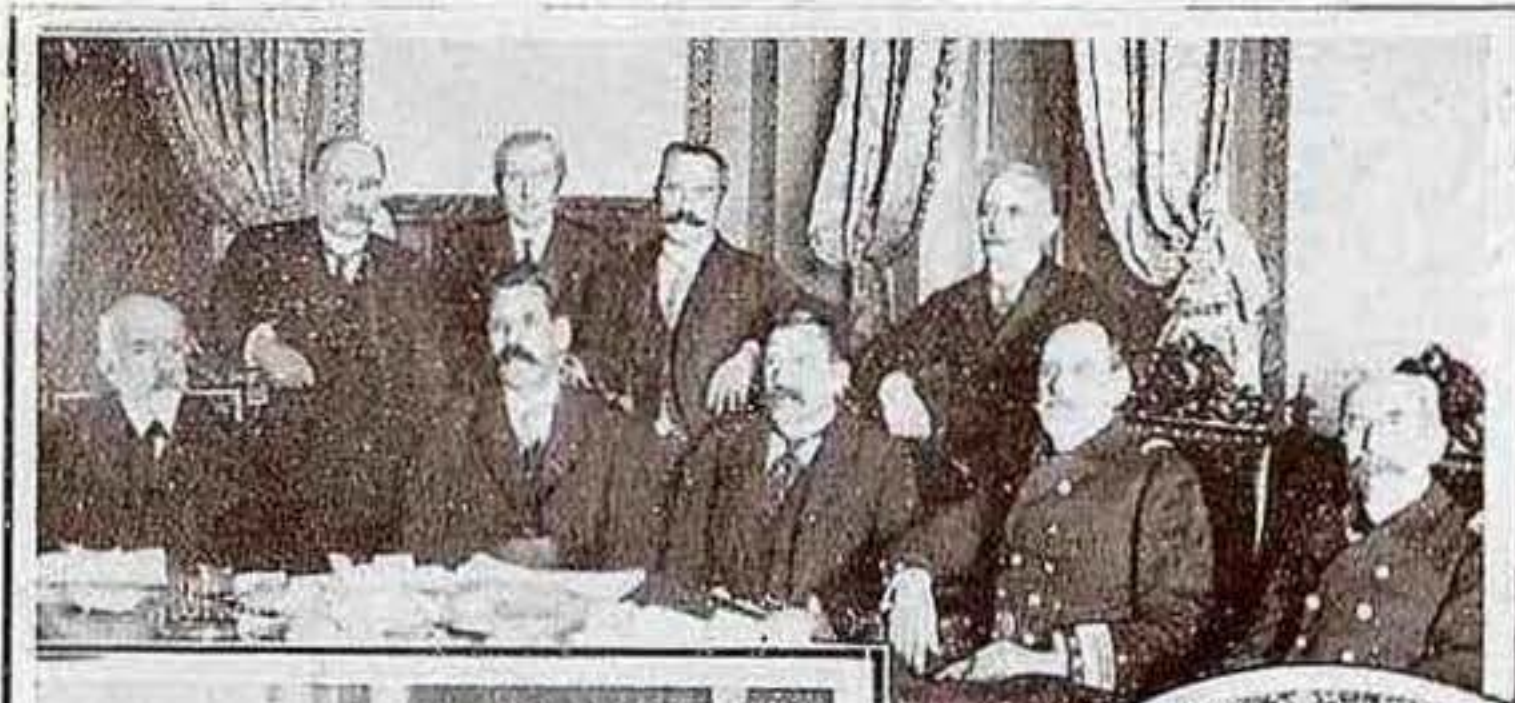
«Por sobre a minha cabeça, as balas são uma orchestra. Teem um rythmo brutal. E' estupendo! E' enorme!»

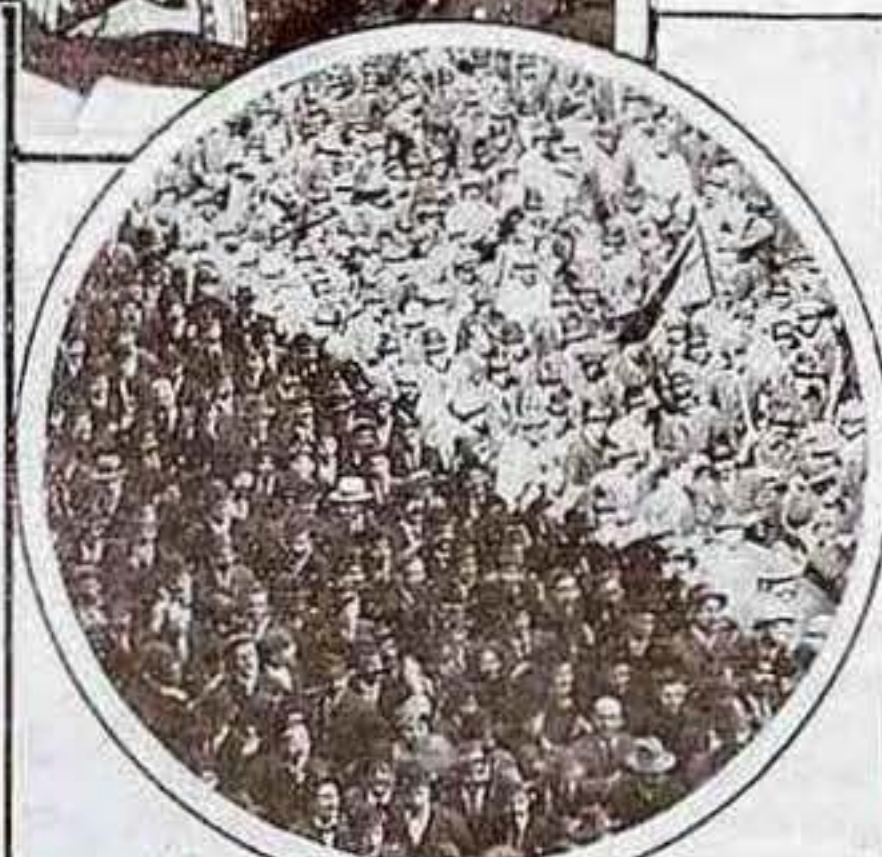
Quando descança, o artista que ha sob a farda de Carlos Franco, entretem-se a desenhar, a uma avara restea de sol que lhe desenregele os pulsos doridos da espingarda, de noite, entre os camaradas amodorrados de somno, e á luz de algum «farrapo embebido num pedaço de gordura que guardou e derreteu numa lata vasia de conserva».

São do lapis desse artista-soldado os croquis que emmolduram estas paginas. Pequenas notas, apontamentos rapidos, fugidios e perturbados esboços duma obra futura, elles valem como documentação viva e directa da guerra. Por detraz d'elles, que, ao chegarem, parecem trazer comsigo o cheiro da polvora queimada, — flagrantes como dedadas de sangue — nós não advinhamos, *sentimos* latejar junto do nosso, em contacto com o nosso, o coração congestionado da propria Guerra, — o dorido coração desse monstro-vermelho de que o desenhador nos falla. Dahi, do que nos sugerem, e sobretudo da forma por que no lo suggerem, o palpitante interesse d'estas paginas e das mais que Carlos Franco nos vae mandar.

...«Se, antes disso, uma bala não lhe enregelar de todo os dedos»...

Porque, senhoras e senhores, como estão a ver, estes papeluchos e esta Arte veem-nos de bem longe, muito longe — da beira-Morte!... Carvões cahidos da Fornalha, arde nelles, latente, o fogo que a alimenta. E queimam!

1. O piou piou. — 2. Fusilamento. — 3. Formigueiros na neve. — 4. Rondando. — 5. Fogo! — 6. Quem vem lá? — 7. Olhando ao largo. — 8. Um ferido. — 9. Prisioneiros allemães. — 10. Artilharia em marcha.

ACTUALIDADES

NA POLITICA E NAS EGREJAS

Pode dizer-se que a Politica e a Egreja, até aqui malavindas, teem entrado, ultimamente, num campo de reconciliação e de mutuas concessões. E assim, emquanto a Semana-Santa nos trouxe a certeza de que a fé religiosa augmenta, pejando as egrejas de fieis, as manifestações de simpathia ao governo, teem, por seu turno, provado que, em volta do sr. Pimenta de Castro, não tem, tambem, deixado de crescer a fé dos que creem nas soluções da sua politica, e pejam as ruas — a aclama-la.

O senhor Pimenta de Castro fallando á multidão.

Os manifestantes no Terreiro do Paço.

Um aspecto da aglomeração nas ruas.

Em frente ao «Mundo»

Um espectadôr que se não manifesta...

Semana Santa. — A onda dos fieis cresce.

Semana Santa. Á porta de uma egreja

Semana Santa. - Nas ruas.

Semana Santa. - Hora de endoenças.

Contemporanea

SECÇÃO FEMININA

DIRIGIDA POR

D. ALBERTINA PARAISO

PROLOGO

Querida leitora: vimos dizer-lhe que encontrará aqui, nesta secção feminina da CONTEMPORANEA *uma discreta meza de trabalho, onde achará a descripção dos mais modernos trabalhos femininos, as maiores novidades sobre modas, e á volta da qual conversaremos sobre estes assuntos delicados, permittindo-nos, uma vez por outra, dar-lhe os nossos conselhos — escrupulosos e praticos — sobre* toilette *e hygiene, beleza, regras de economia domestica, culinaria ou chimica da cosinha, entretendo em summa o seu espirito com tudo aquillo que pode e deve interessar uma senhora de educação e de gosto.*

Fallaremos tambem de poesia e de arte, do conforto e elegancia do lar, fallaremos da vida mundana e das modas mais recentes, o que entre pessoas do nosso sexo é indispensavel, e fallaremos sempre em estylo natural e sem pretenções, como deve ser entre pessoas de bom gosto.

Os trabalhos femininos, taes como o filet *moderno, os pontos abertos, os differentes generos de arte decorativa, terão nesta secção um logar muito especial, por sabermos quanto interessam á todas as senhoras em geral.*

Aqui tem pois, querida leitora, a apresentação que resumidamente fazemos desta secção que lhe dedicamos, — e que esperamos lhe agradem, leitora amavel.

A BELLEZA

DISSE, não sei que auctor, que a belleza era nas mulheres uma arma poderosa para luctarem contra o egoismo masculino e que todas tinham obrigação de ser bellas. Ha uma verdade n'esta affirmação. Sabemos muito bem que não podemos conquistar, apezar dos melhores desejos, a belleza classica, que resulta da regularidade dos traços, da harmoniosa proporção das linhas, da euritmia dos movimentos; no emtanto, ha uma outra belleza muito diversa da que nos foi legada pelo cinzel immortal de Phidias que todas as mulheres poderão conseguir desenvolver e aperfeiçoar em si.

Esta belleza é o resultado de diversos dons, de cuidados especiaes que nenhuma de nós deve desprezar. Póde não ser de uma regularidade absoluta, mas nem por isso deixará de gosar dos privilegios, da influencia, do ascendente, deante dos quaes, em todos os tempos, se curvaram sempre os lamentos de todas as raças. Proudhon asseverava que não existiam mulheres feias, que todas, ainda as menos favorecidas pela natureza, teem um particular...

E' claro que a belleza póde existir, mesmo em uma pessoa de saude delicada, em uma pessoa doente. Conhecemos senhoras que devem ao seu temperamento fragil uma certa graça especial, uma morbidez attrahente, um olhar languido e profundo, um rosto finamente empallidecido, dos mais delicados contornos; mas, em geral, a saude traz comsigo o pleno desabrochar da belleza, e até da felicidade.

E' a pureza do sangue e a sua riqueza que dão á pelle a transparencia e a frescura que os pós de arroz e os cosmeticos só imperfeitamente substituem. E' a saude que se affirma no contorno das linhas, na perfeição das fórmas; é ella que accende o brilho nos olhos, que põe o carmim nos labios, que empresta aos movimentos, aos gestos, e ao andar a animação, a elasticidade, o rithmo, todo esse conjuncto de pequenas cousas que encantam.

Portanto, todas as senhoras que queiram ser bellas devem praticar com rigorosos cuidados, principalmente, as regras da hygiene.

Mas não se confunda o dever da belleza com o cuidado excessivo e ridiculo da moda, que nem sempre é esthetico, e dos adornos, que não são mais do que accessorios. O dever da belleza é primeiro do que tudo a obrigação de conservarmos a saude — origem da belleza duradoura, por uma hygiene intelligente e uma vida normal; assim como de assegurar á mocidade, por uma boa educação fisica o vigor dos musculos e o desenvolvimento harmonioso do corpo. E' preciso, pois, evitar, quanto possa ser, os cuidádos, as preoccupações e affastar do espirito as ideias torturantes e muitas vezes injustificadas, que acabrunham e entristecem.

A vida, infelizmente, não é feita de alegrias. Precisamos de muita philosophia pratica para curvarmos tantas vezes a cabeça, e esperarmos que passem as suas tempestades...

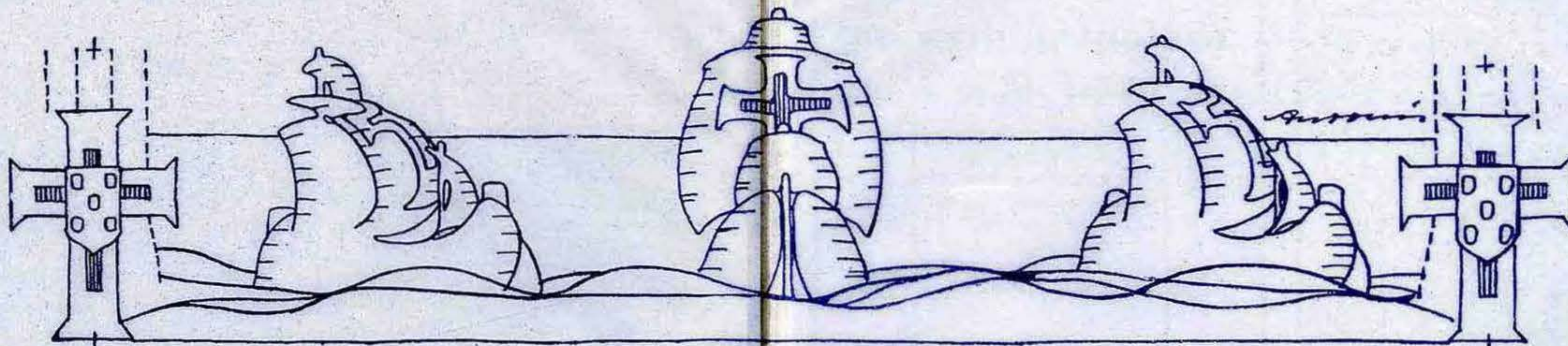
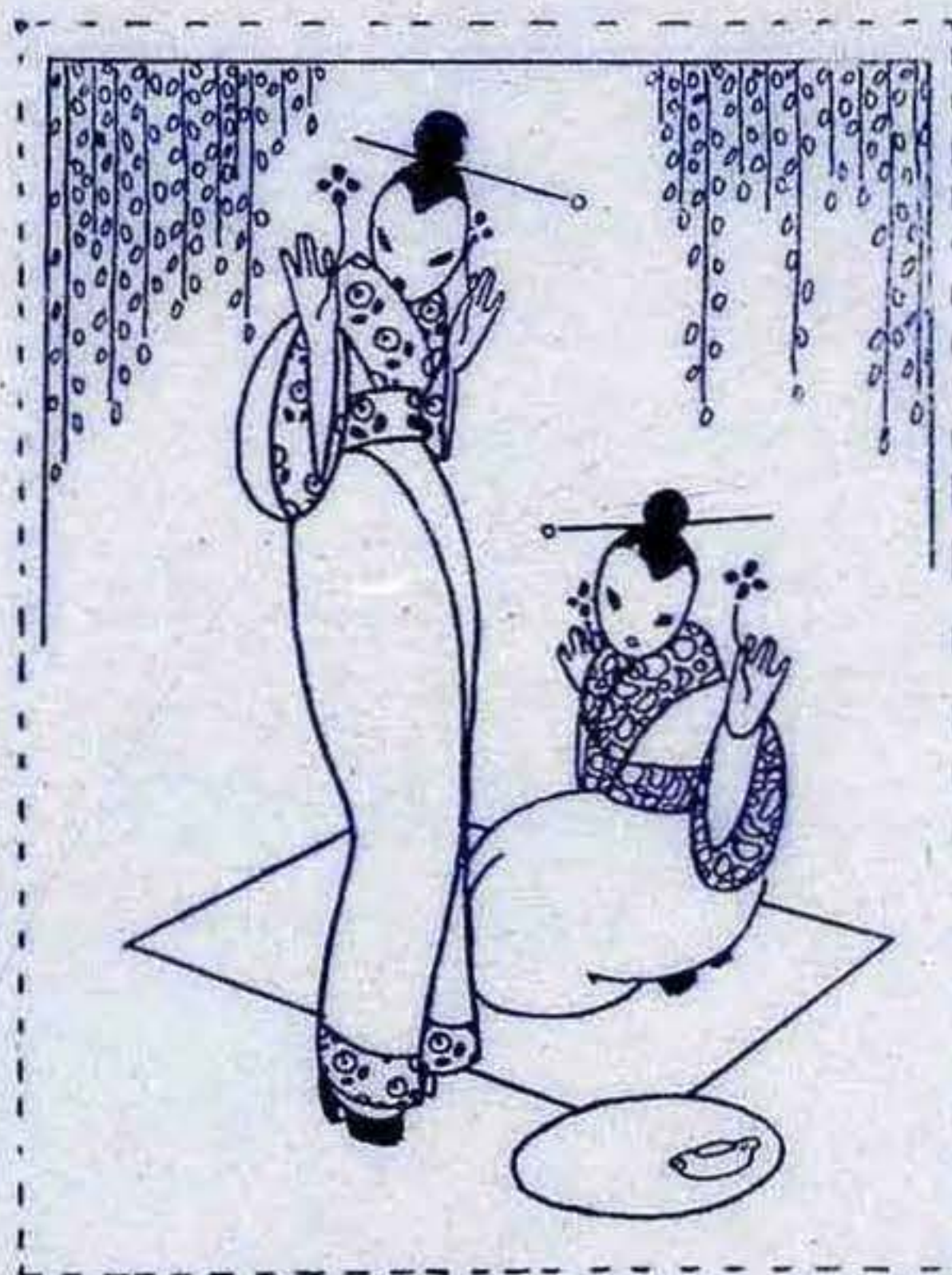
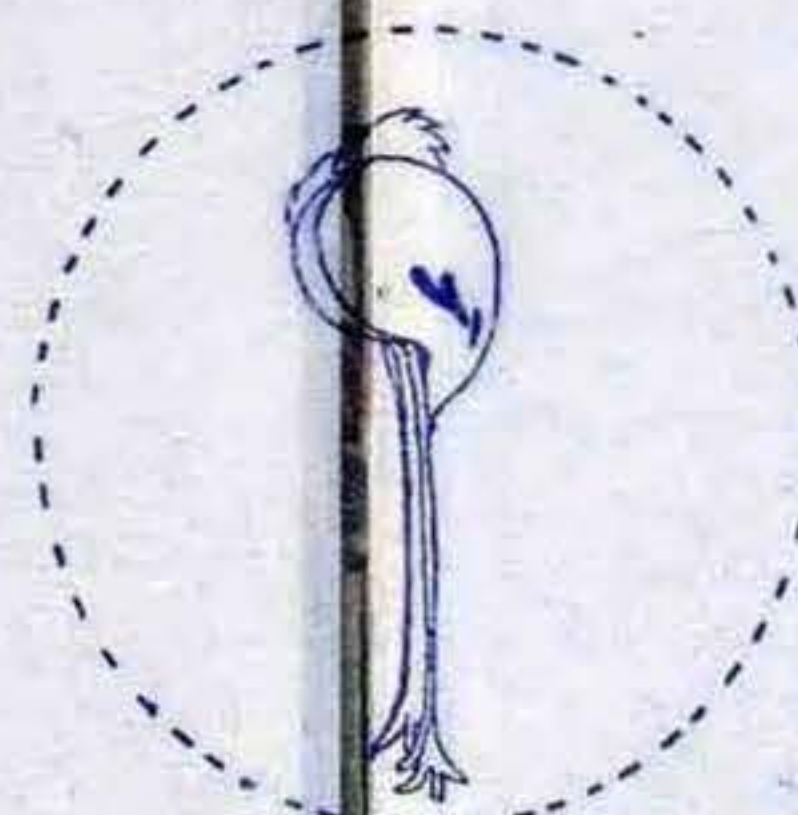
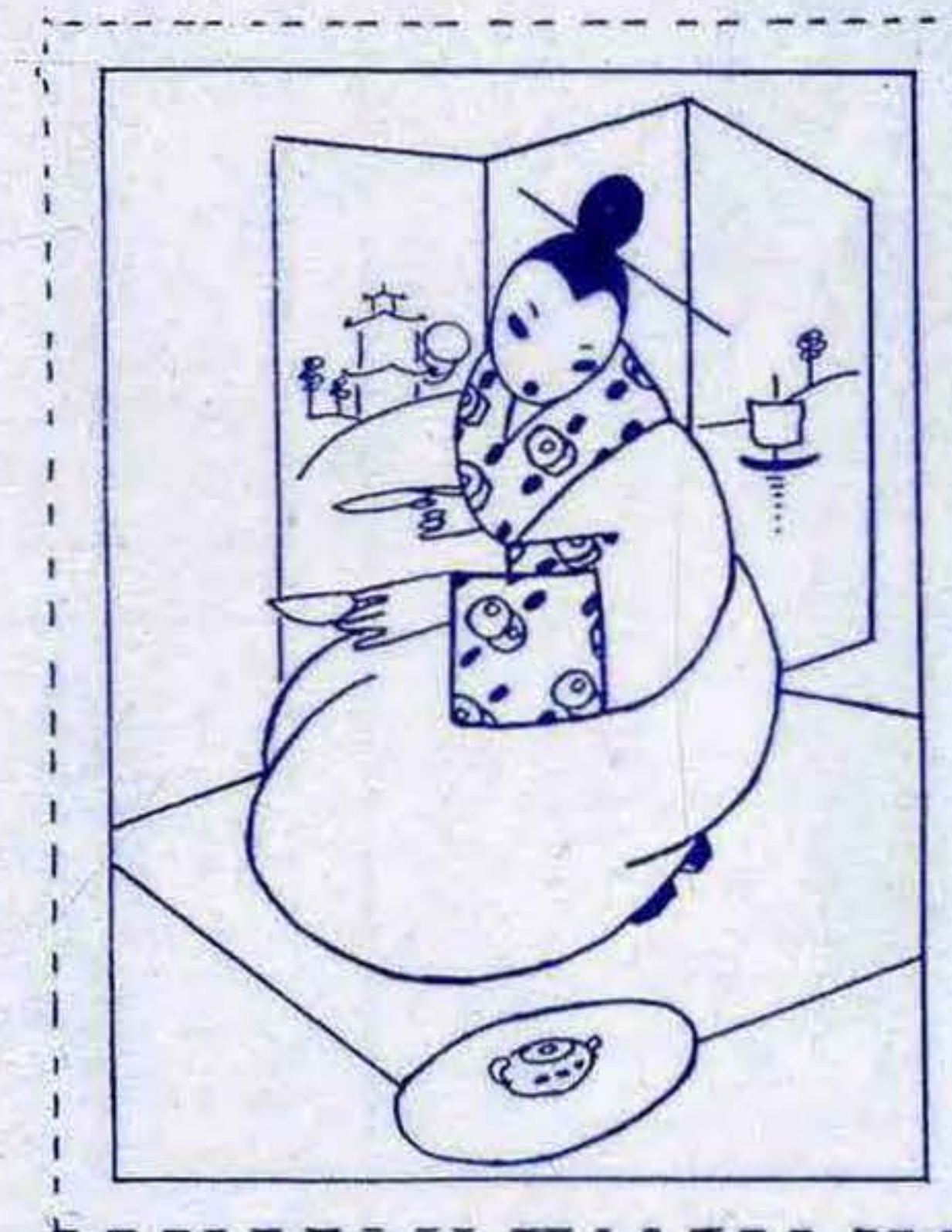
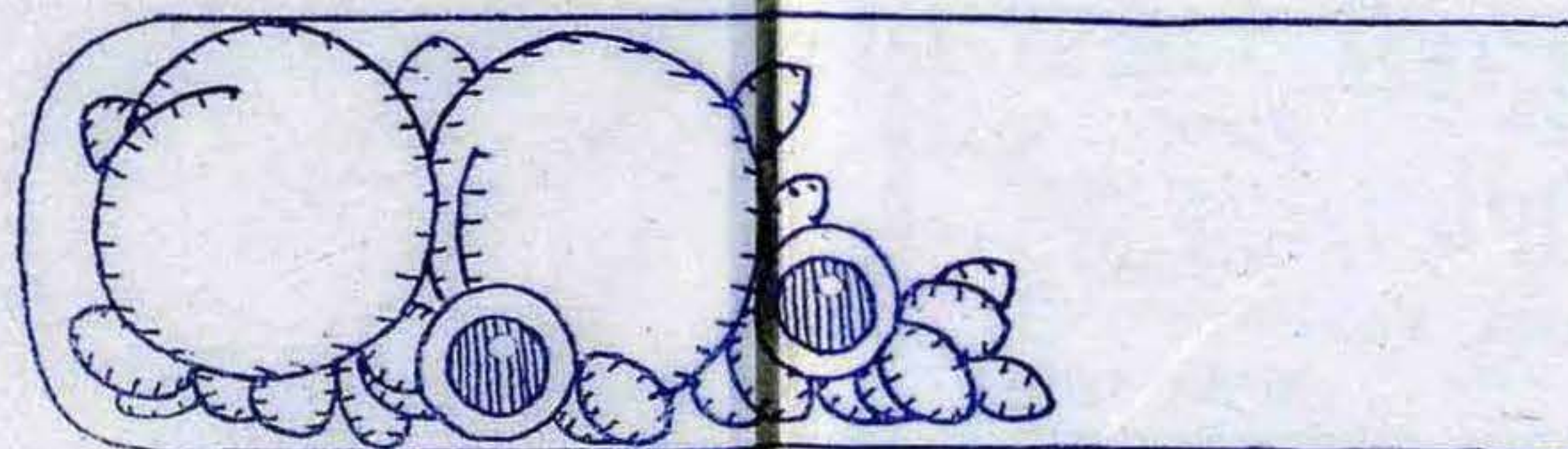
Ámanhã tudo será melhor... este *ámanhã* é o futuro, é a esperança, é a flôr que desabrochará no meio de milhões de espinhos... A tristeza, o aborrecimento, o mau humor, a colera como o riso exaggerado, alteram a regularidade do rosto, e contrahem-lhe os traços. Primeiramente, de um modo imperceptivel, desenham-se os sulcos na phisionomia; depois cavam-se mais profundamente até se tornarem rugas indeleveis, marcando o fim prematuro de uma belleza, cujo reinado duraria ainda, se a alma, no meio dos tormentos humanos, tivesse sabido guardar a sua serenidade.

As garras do tempo, attingem mais depressa e mais profundamente as mulheres nervosas. Vibrantes e impressionaveis, os menores acontecimentos perturbam n'ellas o decorrer regular da sua vida e causam-lhes as mais contradictorias emoções. A mobilidade da sua phisionomia augmenta, os musculos distendem-se, a pelle afrouxa, e a harmonia dos traços perde-se. É pois preciso luctar contra este estado nervoso, aprender a dominar-se, affastar do caminho as emoções fortes, querer ser calma, e repetir a si propria: — «Eu preciso de tranquillidade».

Depois, observar as pessoas serenas e ponderadas da sua *entourage* e emital-as, copiar-lhes a maneira de proceder. E associando a ideia de calma, de paz, e de tranquillidade a todos os nossos actos acabaremos por vencer o nosso nervosismo, por governar um pouco a nossa sensibilidade, para vivermos docemente e pacificamente socegados.

O rosto encontrará de novo a sua frescura e os seus traços, a graciosa simetria. O dever da belleza, ligado intimamente á pratica da higiene, está tambem ligado á moralidade, e a prova é que as paixões habituaes da alma reflectem-se muito na physionomia.

Devemos evitar, pois, sempre, as longas vigilias, a luz demasiado intensa, as refeições muito copiosas e prolongadas, os excessos, as fadigas e tudo quanto possa destruir rapidamente a belleza, para darmos razão ás affirmativas de Proudhon.

ARTE DECORATIVA

Desenho n.º 3

Desenho n.º 1

Desenho n.º 1

Desenho n.º 1

Desenho n.º 2

Ver a descripção
a pag. 20 da Revista

ANNO I NUMERO SPECIMEN

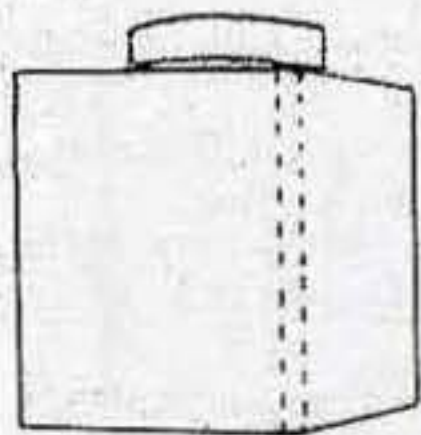
Pateo do Pimenta, 30 a 32
LISBOA

Contemporanea

SECÇÃO FEMININA

ARTE DECORATIVA

Caixa para chá, em madeira pirogravada

(Desenho n.º 1)

O deseho, original e primoroso, foi mandado executar especialmente para nella ser pirogravado. A pirogravura deve ser feita com muita leveza, attendendo á delicadeza do desenho. E, conforme o gosto da pessoa que a fizer, poderá ser colorida ou apenas envernizada.

Se fôr colorida, ficará bem, mandando-se polir. As figuras podem ser encarnadas e azues, as arvores em differentes tons verdes.

Se, porém, V. Ex.ª a preferir só pirogravada, sem colorido algum, aconselhamos então a que lhe dêem uma aguada, no fundo dos desenhos, em verde claro, por exemplo, deixando a pirogravura ao natural, e mandando-a polir depois tambem.

Faca de cortar papel, para escriptorio, em madeira encarnada

(Desenho n.º 2)

Muito original e muito bonita esta faca de madeira encarnada, com o cabo guarnecido de metal *repoussé*.

Estas facas, em madeira coral, foram mandadas vir expressamente, para a *Contemporanea* ceder ás suas leitoras, como novidade muito apreciavel para brindes. Com 700 rs., cada senhora poderá obter uma destas lindas facas; e depois, segundo o lindissimo desenho que para ella offerecemos hoje, guarnecê-la de cobre *repoussé* e offerecê-la como brinde galante, para se ter em cima duma secretaria. A madeira e o desenho são duma absoluta novidade.

Para a execução do cabo, queiram V. Ex.as dirigir-se á directora desta secção, que ella ensinará e explicará, por escripto, ou em lições, a forma de trabalhar primorosamente os metaes *repoussés*.

Cantarinha portugueza em barro, com applicações de estanho «repoussé»

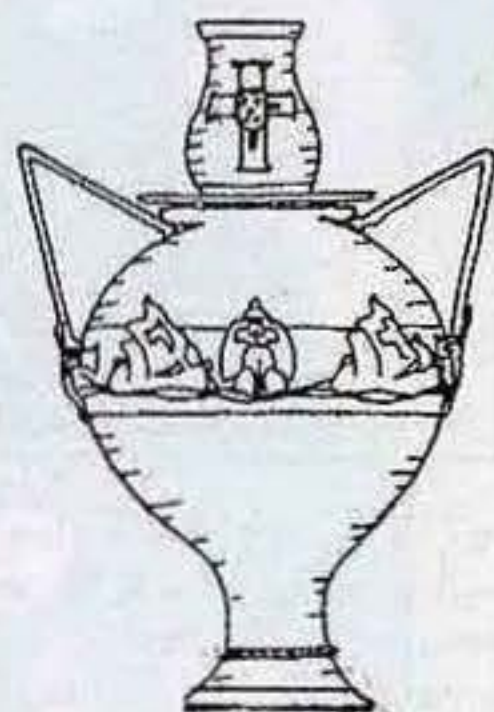
(Desenho n.º 3)

Era assim, devia assim ser, a cantarinha com que o sr. João de Vasconcellos e Sá se lembrou de fazer ir á fonte a sua Margarida, da celebrada canção de que nós todos tanto gostámos...

E' lindissimo este modelo de cantarinhas portuguezas, com o pucarinho na bocca...

Este modelo, lançado como novidade pela *Contemporanea*, para as suas leitoras, e absolutamente fôra do mercado, custa apenas 1:000, em barro especial finissimo.

Na pagina dos desenhos, damos ás nossas leitoras o desenho duma linda guarnição em metal *repoussé*, para ornamentar as lindas cantarinhas portuguezas.

A directora desta secção, dará todas as explicações, particularmente, por escripto, sobre o modo não só de a ornamentarem, como áquellas de V. Ex.as que não saibam *repoussêr* os metaes, sobre a forma de trabalharem o estanho.

O QUE DIZ A MODA

A saia ampla, annunciada ha já alguns mezes, tornou-se um facto consumado e excedeu toda a nossa expectativa.

Quem podia suppôr uma modificação tão extraordinaria?!

No entanto é certo, certissimo até, que as saias se fazem actualmente com seis, oito e doze metros de roda, dispostas em pregas fundas, franzidas em volta da cintura, imitando as verdadeiras saias das lavradeiras — ou ainda franzidas nas ancas por um grosso cordão. Muitas, e talvez sejam em grande maioria, têm um *empiècement* nas ancas, partindo dalli o resto da saia. Esta é a maneira mais simples e pratica de executar uma saia moderna. Os bolsos tornam-se indispensaveis n'estas saias e fazem-se das maneiras mais diversas e graciosas como adorno e utilidade.

A marca typica da moda actual das saias é serem muita curtas, obrigando assim todas as senhoras que queiram seguir *á risca*, a moda, ao meticuloso apuro do seu calçado, que precisa ser bom, bem feito e elegante, preferindo-se as botas, extremamente altas, apertando na frente com cordões ou ao lado com botões.

Os *canos* destas botinas devem escolher-se em panos muito finos e muita claros; por exemplo, côr de grão, *beije*, *gris* e branco.

Como em modas não ha logica, os corpos, para complemento destas saias, são acanhados, dando á *silhouete* a linha elegantemente *exquis* e prestando-se, no seu conjuncto, a fazer sobresaír mais a graça dos seus contornos.

A estes corpos apertados, associam-se uns pequenos e curtos boleros, e as jaquetas *zouaves*, muito graciosas, abertas á frente com as mangos compridas até meio da mão, donde aparece um folho de renda, *mousseline* ou *tulle*.

Ha tambem a notar que as golas este ano teem que representar um papel importante nestes vestidos. Para compensar o excesso de *nudez* que os decotes de rua tinham attingido, a moda, essa *tyramna* implacavel da *coquetterie*, delliberou que se uzem as golas extremamente altas, indo até ao queixo! Que supplicio para todas...

Uma grande quantidade de modelos se apresentam neste genero, em tulles vaporosas, *ruches*, distanciadas por finas rendas, e fitas de seda com folhos de tulles.

Estas golas, na sua galanteria desenham graciosamente as linhas ondulosas em volta da cabeça, artisticamente penteada, com as bellas *coiffures*, estreitas e lindas da moda actual.

MADAME RICHARD.

Correio das Senhoras

A secção feminina que *A Contemporanea* abriu hoje nas suas paginas destina-se não só a orientar, dirigir e aconselhar as suas leitoras, como a prestar-lhes todos os serviços de que porventura careçam. Desta dependencia da nossa secção foi incumbida Madame Richard, uma senhora que é autoridade da maior competencia em assumtos de interesse feminino e a que as nossas leitoras se poderão dirigir confiantemente, não só para as dirigir sobre a execução dos mais modernos trabalhos, como sobre todos os preceitos de hygiene, regras de *savoir-vivre*, de economia domestica, sciencia e conforto da casa, medicina caseira, cultura fisica, belleza, etc.

Madame Richard, responderá gratuitamente a todas as consultas e perguntas, a todos os pedidos, por intermedio desta revista, na secção que abriremos no seguinte numero, com o titulo *Correio das Senhoras*, ou particularmente, remettendo-lhe uma estampilha de 25.

A todas as senhoras, Madame Richard receberá carinhosamente com a affabilidade da sua alma e com a discreção e alto criterio do seu fino espirito.

Esta correspondencia das leitoras com Madame Richard será de caracter absolutamente particular e reservado desde que as Consulentes dirijam as suas cartas da seguinte forma: —

A Madame Richard

Redacção de «A Contemporanea

Pateo do Pimenta, 32 — Lisboa

20

A directora desta secção encarrega-se da remessa e execução de todos os objectos de arte decorativa de que dermos os desenhos, assim como de mandar fazer chapéos, vestidos, enxovaes etc. para o que está em correspondencia com as primeiras casas commerciaes do paiz. Trata da compra de objectos para brindes, rendas portuguêsas, crivos de Guimarães, loiças artisticas, bordados e todos os artigos de Senhoras.

Os productos de belleza, aconselhados por Madame Richard, são todos receitados por um medico desta especialidade e feitos por um chimico de largo experiencia, com os mais escrupulosos cuidados, afim de assegurar ás nossas leitoras a eficacia dos preparados que lhes forêm aconselhados por nós, visto como todos os dias este genero de productos está sendo atirado ao mercado com a mais absoluta falta de consciencia e seriedade. Os escriptorios d'*A Contemporanea* sob a direcção de Madame Richard receberão e executarão, pois, todas as ordens com que as nossas leitoras se dignem honrar-nos, respondendo sempre a todas as Senhoras na volta do correio.

17 18 19

Contemporanea

Descripção dos nossos figurinos

N.º 1 — *Toilette* em *taffetaz* azul. A saia já bastante rodada. Corpo *bluzem* com âbas, tendo a guarnece-lo punhos gola e *revers* em setim branco. Uma renda *plissée* substitue o peitilho.

•••

N.º 2 — Vestido em pano ligeiro e fino. A saia forma segunda saia. Casaco-bolero enfeitado a seda aos quadrados. Uma renda em volta da gola.

•••

N.º 3 — Vestido em *tussar*, guarnecido a galão no mesmo tom. Uma gola em cambraia bordada e uma gravata em seda preta.

•••

N. 4 — Vestido primaveril, em *schautung*, côr de grão. A saia é um dos mais bonitos modelos da estação. Botões do mesmo tecido e uma gola em cambraia branca.

•••

N.º 5 — Vestido em setim preto. Mangas e gola em renda preta.

•••

N.º 6 — Vestido em *covercoat*. Bolero largo com as costuras *santachées* e guarnecido de botões em *passementerie*. Gola em seda, tendo a sobrepôr uma outra em seda branca ou cambraia.

•••

N.º 7 — Vestido em *gabardine*. Pequena jaqueta curta, formando *godets*. Saia plissada com *empiecement*. Botões da mesma gabardine ou fantasia.

•••

N. 8 — *Tailleur* em sarja. Colete em *tussar* ás riscas. Grande gola em seda.

•••

N.º 9 — Vestido em *popeline*. Guarnece-o um bonito galão. Gola e *revers* em seda da mesma côr. Botões em madre perola testada.

N.º 10 — Blusa em *marquizette* bordada, guarnecida de largos viézes em seda. Gola moderna em *tulle* e renda.

•••

N.º 11 — Bluza em *tulle* bordada a *santache*. Este genero de blusas será este anno de grande moda.

•••

N.º 12 — Saia para blusas em cheviote fino ás riscas. Uma barra na saia do mesmo tecido aplicado com as riscas atravessadas.

•••

N.º 13 — Fáto para rapazinho de 4 a 6 annos, em pano ou sarja fina, guarnecido duma gola, punhos e bainha dos botões, em pano ou seda branca.

•••

N.º 14 — Vestido para menina de 4 a 6 annos, em *voile* e rendas.

•••

N.º 15 — Chapeu pequeno em *tagal* guarnecido a flores e *aigrettes*.

•••

N.º 16 — Sapato elegante em seda, pelica de lustro, ou verniz.

•••

N.º 17 — Chapeu em *tagaline*, enfeitado duma roza e respectiva folhagem. Acompanha-o um dos veus modernos.

•••

N.º 18 — Chapeu tricorne, em palha fina, enfeitado duma rica *aigrette* e duas lindas rozas.

•••

N.º 19 — Chapeu em palha preto guarnecido a seda e uma roza.

•••

N.º 20 — Pequeno chapeu *tango*, em palha d'Italia, guarnecido a pequeninas flores e um *paradiz*.